



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e  
Sustentabilidade na Amazônia PPG/CASA  
Mestrado Acadêmico**

**Elisa Ferrari Justulin Zacarias**

**VÍNCULO COM A NATUREZA EM PAIS-MÃES E SUAS IMPLICAÇÕES NO  
COMPORTAMENTO PARENTAL**

**MANAUS – AM**

**2018**

**ELISA FERRARI JUSTULIN ZACARIAS**

**VÍNCULO COM A NATUREZA EM PAIS-MÃES E SUAS IMPLICAÇÕES NO  
COMPORTAMENTO PARENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente sob orientação da Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi.

**MANAUS – AM  
2018**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Z13v Zacarias, Elisa Ferrari Justulin Zacarias  
Vínculo com a natureza em pais-mães e suas implicações no comportamento parental / Elisa Ferrari Justulin Zacarias Zacarias.  
2018

101 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Inês Gasparetto Higuchi  
Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Conexão com a natureza. 2. Ambiente natural. 3. Ligação emocional. 4. Experiências. 5. Amazonas. I. Higuchi, Maria Inês Gasparetto II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

**Elisa Ferrari Justulin Zacarias**

**VÍNCULO COM A NATUREZA EM PAIS-MÃES E SUAS IMPLICAÇÕES NO  
COMPORTAMENTO PARENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

Aprovada em 26 de janeiro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Genoveva Chagas de Azevedo  
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

---

Prof. Dr. Marcelo G. Aguilar Calegare  
Universidade Federal do Amazonas

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Olívia de A. Ribeiro Simão  
Universidade Federal do Amazonas

## **Agradecimentos**

Agradecer é demonstrar gratidão, reconhecimento por benefício recebido. Muitas pessoas contribuíram, de alguma forma, para a realização deste sonho. Assim agradeço...

A Deus pela vida e por me dar forças nos momentos difíceis.

Ao meu marido, Nivaldo, pelo apoio incondicional e irrestrito durante a realização deste trabalho. Foram muitos finais de semana dedicado a leitura, transcrição de dados e escrita e, em todos momentos, sua compreensão foi essencial.

Aos meus pais (Ivete e Valdemar), irmãs (Beatriz e Andréa), tio Paulo e minha prima e amiga Cristina, que mesmo longe nunca deixaram de acreditar e confiar em minha capacidade, mesmo quando eu me sentia insegura.

Agradeço a minha querida orientadora Maria Inês Gasparetto Higuchi, pelo apoio, orientação e colaboração neste trabalho. Com você aprendi muito mais do que o percurso da pesquisa científica, foi um modelo de ética, elegância e dedicação em tudo o que faz.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (PPG-CASA) pela oportunidade de aprimoramento e aos professores por todo ensinamento.

Aos amigos feitos durante o curso de mestrado, pelas experiências vividas durante os últimos dois anos, principalmente ao David, Gabrielle, Mônica, José, Andreza, Rafael.

Aos servidores, pesquisadores e amigos da pós-graduação (Damaris, Denise, Mariana e Wagner) do Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental (LAPSEA) que contribuíram, cada um à sua maneira, para a realização desta pesquisa.

Ao professor Dr. Antonio Roazzi pelo auxílio na Análise de dados.

Às professoras Dr.<sup>a</sup> Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, Dr.<sup>a</sup> Denise Gutierrez e Dr.<sup>a</sup> Daniele da Costa Cunha Borges Rosa pelas valiosas contribuições na minha aula de qualificação.

À Capes pelo apoio financeiro.

## Resumo

O presente estudo teve como questão norteadora compreender o comportamento de Conexão com a Natureza em pais/mães residentes em Manaus-AM e suas implicações nas experiências proporcionadas aos seus filhos(as). O construto conexão com a natureza pode ser definido como a ligação emocional das pessoas com a natureza, o que se manifesta na adoção de atitudes que revelam o cuidado e a preocupação ambiental. Assim, nessa pesquisa, foi imprescindível apreender o significado de natureza, pois essa é resultado de uma construção histórica. Além disso, foi caracterizado as experiências vivenciadas entre pais e filhos(as) no ambiente natural e identificado os comportamentos que marcam a relação com a natureza. Trata-se de uma pesquisa descrita-exploratória com abordagem multimétodos. Os instrumentos empregados foram entrevista semiestruturada, associação livre de palavras e escala social. Participaram deste estudo 58 pessoas (33 pais e 25 mães), moradores de Manaus e com filhos até 11 anos de idade. Os dados gerados pela entrevista foram submetidos a Análise de Conteúdo, após categorização foi feita a Análise Descritiva; a técnica da associação livre de palavras foi submetida a Análise de Estrutura de Similaridade (SSA- *Similarity Structure Analysis*) finalmente, as escalas sociais foram trabalhadas a partir da Análise Fatorial Exploratória e Análise Descritiva Simples. Todas as análises quantitativas foram trabalhadas usando o programa SPSS (*Social Package for Social Sciences*). Os resultados revelaram que os participantes ao se referirem à natureza o fazem tanto sob a dimensão objetiva (aspectos geofísicos e elementos presentes nela) quanto subjetiva (aspectos sociais, simbólicos e afetivos). A natureza como espaço de possibilidade de lazer aos filhos ainda é, para a maioria dos pais, um lugar de baixa preferência para levar seus filhos. Há uma leve expectativa de, no futuro, poder fazer uso desse espaço, mas esse desejo é compartilhado por poucos pais. O lazer que predomina nessas famílias urbanas é o uso de espaços fechados seja público ou doméstico, tanto atual quanto desejado numa condição ideal. Esses resultados indicam esse afastamento atual e sinaliza que pouco investimento esses pais parecem querer fazer para suprir esse déficit. Constatou-se, no entanto, que a maioria dos pais possui um elevado índice de Conexão com a Natureza, porém isso não se manifesta em mais tempo em contato com a natureza ou em ações de cuidado ambiental. Observa-se uma incongruência entre o sentir-se conectado a natureza e estar nela efetivamente inserido. Alguns fatores que contribuem para essa lacuna foram elencados pelos participantes – como a insegurança e a disponibilidade de tempo. Os dados evidenciam que há um longo caminho a ser percorrido, para que a conexão com a natureza, de fato, se materialize em ações que expressem o cuidado com o ambiente natural e em experiências na natureza. Nesse percurso, família e poder público devem estar presentes.

**Palavras-chave:** Conexão com a natureza; ambiente natural; ligação emocional; experiências; Amazonas.

## Abstract

The present study aimed to understand the behavior that establishes Connectedness to Nature among fathers and mothers residing in Manaus-AM, and the implications for the experiences that they provided for their children. The construct Connectedness to Nature (CN) can be defined as the emotional attachment of people to nature, which is manifested in the adoption of attitudes that reveal environmental care and concern. Thus, in this research, it was imperative to apprehend the meaning of nature, since it is the result of a historical construction. Additionally, the research tries to understand what characterizes the lived experiences in nature of the parents and children, and identify the behaviors that define their relationship with nature. This is a descriptive exploratory study with a multi-method approach. The instruments used were semi-structured interview, free word association and social scale. Fifty-eight people (33 fathers and 25 mothers), residents of Manaus and with children up to 11 years of age, participated in this study. The data generated by the interviews was submitted to Content Analysis, after categorization was made using Descriptive Analysis; the free word association technique was subjected to Similarity Structure Analysis (SSA). Finally, the social scales were worked out from the Exploratory Factor Analysis (EFA) and Simple Descriptive Analysis (SDA). All quantitative analysis was performed using the SPSS (Social Package for Social Sciences) program. The results revealed that when referring to nature the participants do so in both an objective (geophysical aspects and elements present in it) and subjective (social, symbolic and affective aspects) way. For most parents accessing nature as a space for their children's leisure is not their preferred choice. There is a slight expectation that, in the future, it will be possible to make use of this space, but this desire is shared by only a few parents. For these urban families leisure activities are primarily carried out in enclosed, public or domestic, spaces. This is both the current situation, and the desired ideal situation. The results highlight this disparity and suggest that parents are not trying to overcome it. It was found that the majority of parents have a high level of CN (or Connectedness to Nature). However, this is not manifested as more time spent in contact with nature or in actions of environmental care. There is an incongruity between feeling connected to nature and being actually present in it. Some factors that contribute to this gap were listed by the participants - such as safety and security issues and the lack of leisure time. The data shows that there is a long way to go, before the connection with nature, in fact, results in actions that express care for the natural environment and in experiences in nature. To achieve this, family and social support must be more effective.

**Keywords:** Connectedness to Nature; natural environment; emotional bond; experiences; Amazonas.

## Lista de tabelas

<b>Tabela 1:</b> Distribuição de fragmentos florestais existentes por zonas administrativas.....	18
<b>Tabela 2:</b> Maiores frequências das palavras obtidas pela associação livre.....	28
<b>Tabela 3:</b> Correlação entre tipos de entendimento de natureza em função do perfil sociodemográfico.....	30
<b>Tabela 4:</b> Visões sobre conexão com a natureza.....	36
<b>Tabela 5:</b> Tipo de atividades de lazer proporcionadas aos filhos.....	49
<b>Tabela 6:</b> Âmbito de atividades de lazer realizadas pelos pais e mães.....	52
<b>Tabela 7:</b> Tipo de atividades de lazer citadas como desejo de realização com os filhos.....	54
<b>Tabela 8:</b> Frequência das atividades realizadas e desejadas.....	56
<b>Tabela 9:</b> Distribuição de frequência na Escala INS.....	67
<b>Tabela 10:</b> Médias das variáveis da Escala de CN.....	68
<b>Tabela 11:</b> Média e estrutura fatorial da Escala de Ligação com a Natureza, NR- 6.... .....	70
<b>Tabela 12:</b> Médias encontradas nas escalas INS, CN e ELN, NR-6... ..	71
<b>Tabela 13:</b> Valores da média e mediana da Escala de Comportamento com a Natureza.....	73
<b>Tabela 14:</b> Correlação entre variáveis sociodemográficas e itens da Escala de Comportamento com a Natureza.....	76

## Lista de figuras

<b>Figura 1:</b> Projeção de SSA baseado em associação livre.....	32
<b>Figura 2:</b> Projeção SSA baseado nas categorias de entendimento de CN e variáveis sociodemográficas.....	39
<b>Figura 3:</b> Lugares cuja atividade de lazer <i>outdoor</i> são mais realizadas.....	50
<b>Figura 4:</b> Lugares cujas atividades de lazer <i>indoor</i> são mais realizadas.....	51
<b>Figura 5:</b> Atividades de lazer desejadas aos filhos.....	55
<b>Figura 6:</b> Projeção SSA com itens da Escala de Comportamento com a Natureza... .....	74

## Lista de quadros e gráfico

<b>Quadro 1:</b> Palavras mencionadas na associação livre.....	27
<b>Quadro 2:</b> Teste de KMO e Bartlett.....	69
<b>Gráfico 1:</b> Teste Scree, ELN.....	70

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>Objetivos, método e participantes do estudo.....</b>	<b>15</b>
<b>Lócus do estudo: a cidade e a natureza.....</b>	<b>17</b>
<b>Estrutura da dissertação.....</b>	<b>19</b>
<b>(RE) PENSANDO A NATUREZA.....</b>	<b>20</b>
<b>1. Histórico da relação pessoa-natureza.....</b>	<b>20</b>
<b>2. Método, técnica e participantes do estudo.....</b>	<b>26</b>
<b>3. Resultados e discussão.....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 Concepção atribuída à natureza pelos pais.....</b>	<b>29</b>
<b>3.2 Pensando a conexão com a natureza.....</b>	<b>34</b>
<b>TÃO PERTO E TÃO LONGE: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E ALMEJADAS DOS PAIS COM SEUS FILHOS NA NATUREZA.....</b>	<b>41</b>
<b>1. O papel dos pais na relação pessoa-natureza.....</b>	<b>41</b>
<b>2. Método e Técnicas.....</b>	<b>45</b>
<b>3. Resultados e discussão.....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 Atividades de lazer realizadas com os filhos.....</b>	<b>45</b>
<b>3.2 Atividades de lazer almejadas/desejadas aos filhos.....</b>	<b>53</b>
<b>CONEXÃO COM A NATUREZA E COMPORTAMENTO AMBIENTAL.....</b>	<b>58</b>
<b>1. Pressupostos teóricos sobre a Conexão com a Natureza.....</b>	<b>58</b>
<b>2. Métodos e técnicas.....</b>	<b>64</b>
<b>3. Resultados e discussão.....</b>	<b>66</b>
<b>3.1 Conexão com a Natureza.....</b>	<b>67</b>
<b>3.2 Ações em relação ao ambiente.....</b>	<b>72</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>97</b>

## INTRODUÇÃO

O modo como as pessoas pensam e se relacionam com a natureza é resultado de uma construção histórica e social uma vez que as normas sociais modelam as atitudes e ações humanas que, por sua vez, modelam a natureza. Ao longo da história da humanidade as relações com a natureza se modificaram em forma e intensidade. No seu primórdio ser caçador-coletor definia uma conexão intrínseca e de dependência com a natureza. Já nos tempos atuais o ser urbano define ter a natureza como paisagem distante. Muito do que se vê atualmente tem a ver com o estilo de vida moderno escolhido pelas pessoas, o qual vem estabelecendo uma divisão física e psicológica entre humanos e o mundo natural (HINDS; SPARKS, 2008). Assim, a sociedade moderna se reconhece como desconectada da natureza, pensando-a como algo exterior a si e, portanto, passível de ser controlada, subjugada e explorada, uma vez que dela não se sente parte.

Essa relação distanciada provoca alterações significativas tanto à pessoa quanto à própria natureza. Tal afirmação se ancora no pressuposto teórico de que nessa relação pessoa-ambiente, ao alterar o ambiente o ser humano tem seu comportamento e experiência modificada pelo ambiente que em primeira instância foi modificado pelo mesmo (FISCHER, s/d; GIFFORD, 2005). Devido a essa recursividade, o ser humano, a partir de suas práticas, é responsável por grande parte dos problemas ambientais. Uma das alterações mais emergentes é a exploração exacerbada dos recursos naturais, que evidencia problemas ambientais tanto no meio local quanto planetário. Estes problemas têm se intensificado e, cada vez mais, suas consequências são notadas e não raro vivenciados pelas pessoas.

Entre esses problemas a mudança climática, a perda de biodiversidade, o derretimento das geleiras, a elevação do nível do mar, o acúmulo de resíduos sólidos, a poluição e a destruição das florestas constituem exemplos, largamente divulgados pela mídia, academia e ambientalistas. Esses eventos revelam a necessidade de voltarmos o olhar para a relação pessoa-ambiente e sua repercussão no comportamento insustentável adotado em nossa sociedade. Assim, é imperativo

adotar comportamentos sustentáveis, para mitigar os efeitos da crise ambiental e vislumbrar a desejada sustentabilidade ambiental<sup>1</sup>.

Especificamente, a relação pessoa-natureza tem sido um tema que requer profundos estudos, uma vez que é este entorno natural que o ser humano constituído como essencialmente urbano parece desconsiderar sua importância. Tal importância não se restringe apenas ao comportamento ecológico, mas de forma mais abrangente para o bem-estar físico e mental. Leopold (1970) considera que o ser humano abusa da terra e da natureza porque a considera uma mercadoria. Entretanto, para o autor, ao reconhecer que é membro da comunidade biótica, o ser humano começará a tratá-la com o devido cuidado e respeito. Tal sentimento de pertença é essencial para lidar com as questões ambientais de forma eficaz, porque estimula o cuidado ambiental. Por sua vez, o cuidado culmina numa maior conexão física e emocional com a natureza que acaba por reverter-se em benefícios para saúde das próprias pessoas (MAYER; FRANTZ, 2004; SCHULTZ et al., 2004).

Na perspectiva de compreender essa conexão física e emocional as ciências humanas e sociais, especificamente a Psicologia Ambiental passou a utilizar o termo Conexão com a Natureza (CN). A CN designa o vínculo, a ligação emocional das pessoas com a natureza. Pessoas que se sentem conectadas/ligadas à natureza, que a percebem como parte de sua experiência provavelmente terão atitudes que revelam esse cuidado. Por sua vez, a desconexão com a natureza implica na adoção de comportamento nocivos para a saúde ambiental. No entanto, como qualquer categoria conceitual, no âmbito acadêmico o debate sobre como se estabelece a CN é intenso – ora é remetido a uma ligação cognitiva, ora afetiva e, a uma ligação afetiva, cognitiva e física (CHENG; MONROE, 2012; FRANTZ; MAYER, 2014; LOUV, 2016; MAYER; FRANTZ, 2004; NISBET; ZELENSKI, 2013; SCHULTZ et al., 2004).

Apesar da discussão teórica em torno do aspecto preponderante da CN, vários estudos admitem que o acesso, o contato com a natureza é imprescindível para fortalecer essa ligação (BRUNI et al., 2012; CAPALDI; DOPKO; ZELENSKI, 2014; FRANTZ; MAYER, 2014; KALS; SCHUMACHER; MONTADA, 1999; MAYER;

---

<sup>1</sup> A sustentabilidade não é um termo de fácil definição. Fundamenta-se em duas grandes áreas do saber: a ecologia, no tocante a capacidade de recuperação e reprodução inerente a cada ecossistema e a economia, compreendida como uma forma de desenvolvimento, marcada pela percepção da finitude dos recursos naturais e a conseqüente ameaça de sua extração (NASCIMENTO, 2012). Enfim, a sustentabilidade designa a manutenção de um sistema de suporte a vida terrestre, e para tanto reivindica um comportamento em consonância às leis da natureza (CAVALCANTI, 2012).

FRANTZ, 2004; NISBET; ZELENSKI, 2013; NISBET; ZELENSKI; MURPHY, 2008; SCHULTZ; TABANICO, 2007; SCHULTZ et al., 2004; SCHULTZ, 2009). Esses estudos demonstram que realizar atividades em contato com a natureza (caminhada, trilha, jardinagem, por exemplo) promovem benefícios ao bem-estar físico e mental. Da mesma forma, outros estudos apontam que quando essas atividades são rotineiras, durante a infância, suscitam atitudes e comportamentos ambientais na fase adulta (CHENG; MONROE, 2012; ERNST; THEIMER, 2011; LAIRD; MCFARLAND-PIAZZA; ALLEN, 2007; WINDHORST; WILLIAMS, 2015).

Todavia, a expansão do uso da Internet, a disseminação das redes sociais e jogos virtuais revelam que há mais estímulos para permanecer em ambientes fechados do que em ambientes naturais, o que conduz a diminuição de experiências na natureza e, conseqüentemente, ausência de conexão com a natureza (CHRISTENSEN, 2014; D'AMORE, 2015; FRUMKIN et al., 2017; SCHULTZ, 2009). Além disso, o estilo de vida urbana parece se reduzir num perímetro essencialmente construído, devido a intensidade de atividades que reduzem o tempo para saírem desse perímetro. Esse cenário revela o déficit de natureza em nossas vidas, que pode levar à depressão e outros problemas de saúde mental e se manifesta na falta de preocupação com as questões ambientais (CAPALDI; DOPKO; ZELENSKI, 2014; LOUV, 2016). Tais estudos têm afirmado que o contato reduzido com o ambiente natural conduz a um ciclo de apatia e ausência de preocupação com as questões ambientais.

O contato com a natureza é vital para as pessoas desde a primeira infância, assim é fundamental que sejam desenvolvidos tais vínculos para promover valores positivos em relação ao ambiente natural (CHRISTENSEN, 2014; HINDS; SPARKS, 2008) e dele estarem próximos. Estudos têm comprovado que a experiência do contato com a natureza antes dos 11 anos de idade associa-se, fortemente, com o desenvolvimento de atitudes ambientais positivas no comportamento das pessoas (CHENG; MONROE, 2012; ERNST; THEIMER, 2011; LAIRD; MCFARLAND-PIAZZA; ALLEN, 2007; WINDHORST; WILLIAMS, 2015).

Nesse sentido, as experiências na natureza, durante a infância, constituem-se em forte preditor para atitudes e práticas ambientalmente sustentáveis e bem-estar físico e mental. Crianças que possuem pouca interação com o ambiente natural, não estabelecem conexão com a natureza, o que pode afetar de forma negativa a preservação e conservação desses ambientes. Ora, pessoas que nunca tiveram

contato com o ambiente natural durante a infância, tem poucas chances de fazê-lo enquanto adultos. Isso significa que as experiências na natureza são a melhor forma de fomentar a construção do relacionamento pessoa-natureza (CAPALDI; DOPKO; ZELENSKI, 2014; CHRISTENSEN, 2014).

Entretanto, é importante ressaltar que as crianças exploram o ambiente a sua volta a partir das oportunidades oferecidas pelos adultos, ou seja, pelos pais. Os momentos de contato com a natureza podem ser limitados caso os pais apresentem tendências sedentárias ou se os pais possuem opiniões negativas em relação à natureza. Assim, a atenção volta-se para os pais, estes são os primeiros educadores de seus filhos, os responsáveis pela socialização primária logo, os filhos tendem a assumir a postura dos pais com relação à natureza (BERGER; LUCKMANN, 2012; CHRISTENSEN, 2014).

### **Objetivos, método e participantes do estudo**

Por reconhecer que a infância é crucial para a formação da conectividade entre pessoa-natureza e que os pais são essenciais para fomentar essa ligação, o objetivo geral desse estudo é compreender o comportamento de Conexão com a Natureza (CN) em pais/mães residentes em Manaus-AM e suas implicações nas experiências proporcionadas aos seus filhos. De modo particular procurou-se caracterizar as experiências vividas entre pais<sup>2</sup> e filhos(as) em ambientes naturais, bem como analisar os significados atribuídos pelos pais/mães à natureza, e identificar comportamentos que marcam a relação com a natureza.

Esse estudo de natureza qualitativa, descritivo-exploratória com abordagem multimétodos se justifica por abranger, com maior amplitude, a explicação, descrição e compreensão das relações pessoa-natureza entre pais/mães que inclui uma série de diferentes aspectos correlatos nesse âmbito (GOLDENBERG, 2007; GÜNTHER; ELALI; PINHEIRO, 2008, 2011).

Uma entrevista semiestruturada foi aplicada aos pais/mães contendo perguntas relacionadas ao perfil sociodemográfico; às atividades de contato com a natureza proporcionadas pelos pais/mães a seus/suas filhos/as (Apêndice A). Foi ainda

---

<sup>2</sup> Apesar de estarmos referindo “pais” este termo representará nesse estudo um grupo que é constituído por pais (homens) ou mães (mulheres).

empregada técnica de associação livre de palavras, que consistiu em pedir aos entrevistados expressar, de maneira livre, as palavras que vinha ao pensamento quando a palavra natureza era mencionada, a fim de desvelar os significados atribuídos pelos pais/mães à natureza. Para mensurar o nível de conexão com a natureza, nas diferentes dimensões perceptivas, foi usada a Escala de Inclusão da Natureza no Self (SCHULTZ, 2001), Escala de Conexão com a Natureza (MAYER; FRANTZ, 2004) e a Escala Reduzida de Ligação com Natureza, NR6 (NISBET; ZELENSKI, 2013), as quais serão detalhadas por ocasião da apresentação dos resultados nos capítulos que compõem essa dissertação. Finalmente, para averiguar o comportamento que marca a relação com o meio ambiente, foi aplicada uma escala social tipo *Likert* contendo itens com ações em relação ao ambiente natural. A escala foi elaborada seguindo os trâmites técnicos de construção de escalas sociais (GÜNTHER, 2008). Todas essas técnicas foram submetidas a um teste piloto para ajustes no procedimento protocolar da pesquisa, para verificar se havia dificuldade do respondente na compreensão das questões ou aspectos específicos, como tempo de aplicação e sequência dos questionamentos (GIL, 2016).

Os primeiros participantes foram selecionados considerando a conveniência e acessibilidade. Os contatos foram realizados por meio de mídia social (*WhatsApp*) e os que concordaram responderam à entrevista, em lugar e horário previamente estipulado. Ao término da entrevista, foi solicitado que os entrevistados indicassem possíveis participantes, o que gerou o efeito *snowball*. Todas as entrevistas foram áudio gravadas e, posteriormente, transcritas em uma planilha de dados do Excel. O critério de inclusão adotado foi pais e mães, biológicos ou não, com filhos até 11 anos de idade. O critério de exclusão foi pais e mães que não conviviam cotidianamente com os filhos e pessoas da rede familiar que assumiam os cuidados da criança.

A pesquisa seguiu os princípios éticos, diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos do Ministério da Saúde e Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466/2012<sup>3</sup>. Por ser parte de uma pesquisa de maior abrangência formulada e coordenada pela orientadora<sup>4</sup>, este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em pesquisa do INPA e aprovado em todos os procedimentos solicitados pela

---

<sup>3</sup> Disponível em [http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)

<sup>4</sup> Chamada Universal MCTI/CNPq - EDITAL Nº 01/2016. Pesquisadora coordenadora: MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI, do INPA/CSAS/LAPSEA, "CONEXÃO COM A NATUREZA: afinidade de jovens pais/mães e filhos/as para com a natureza".

RE (CAAE No. 63687616.9.0000.0006; Parecer No. 1.900.249 – Anexo A). Ressalta-se que foram seguidos todos os procedimentos éticos para a pesquisa.

Participaram desse estudo 58 pais, sendo 25 mulheres (43,1%) e 33 homens (56,9%) residentes na cidade de Manaus-AM. A média da idade dos participantes foi 35 anos de idade (DP: 6,3). Entre os entrevistados 13,8% eram solteiros ou divorciados e 86,2% eram casados ou viviam em união estável. Entre os participantes, 53,4% eram pai/mãe de apenas um filho, 37,9% de dois filhos, 5,2% de 3 filhos e 3,4% de quatro filhos. Os participantes relataram ser de poder aquisitivo relativamente alto para o padrão brasileiro, sendo 12% com renda familiar maior que 15 salários mínimos<sup>5</sup>, 50% com renda econômica entre 7 e 14 salários mínimos e 37% abaixo de 4 salários mínimos. A escolaridade também se mostra elevada entre os entrevistados, sendo que 26% dos participantes concluíram o Ensino Médio; 43% concluíram o Ensino Superior e 31% concluíram curso de pós-graduação (10,3% especialização, 12,1% mestrado e 8,6% doutorado). Tem-se, portanto uma amostra que se configura com renda média-alta e escolaridade superior.

### **Lócus do estudo: a cidade e a natureza**

Esse estudo foi realizado em Manaus-AM, capital do estado do Amazonas, cuja população é de 2.094.391 de habitantes<sup>6</sup>. A Amazônia está localizada numa região de trópico úmido, se caracteriza por possuir uma densa floresta tropical, expressiva biodiversidade, clima quente e úmido e pela extensa bacia hidrográfica (FRAXE, 2000; GONÇALVES, 2010; MORAN, 1994). Devido a essas características, a Amazônia é reconhecida por possuir o maior complexo hídrico florestal existente no planeta (FRAXE, 2000). Tais aspectos contribuem para que, no imaginário social, as imagens das cidades dessa região estejam associadas, apenas, à floresta e rio (BRUNO; MENEZES, 2012), no entanto, nem sempre isso é o que encontramos.

Manaus, tem sua história marcada pelos grandes projetos de desenvolvimento efetuados na região amazônica. Tais projetos, fizeram com que Manaus se tornasse

---

<sup>5</sup> Entre os meses de janeiro a abril, de 2017, o valor do salário mínimo nominal era de R\$937,00, de acordo com o DIEESE. Todavia, de acordo com essa instituição o salário mínimo ideal era de R\$ 3.899,66 no mesmo mês.

<sup>6</sup> De acordo com dados do IBGE. Disponível em:  
<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/am/manaus/panorama>

um centro atrativo para migrantes, tanto do interior do estado do Amazonas, como de outras regiões do país. Na década de 1970 esse processo se intensifica com a implantação da Zona Franca de Manaus, o que resultou na criação de vários bairros no município desprovidos de qualquer infraestrutura (SILVA, 2009).

O crescimento desenfreado da cidade levou as famílias, com menor poder aquisitivo, a ocupar áreas distantes do centro e, portanto, mais próximas da floresta. Por essa razão, áreas verdes foram devastadas para dar lugar a moradias. Essa ação contribuiu para modelar a cidade, de forma que a floresta e os fragmentos florestais<sup>7</sup> estão entremeados à paisagem urbana (Tabela 1). Contudo, tais elementos naturais não são apreciados como aspectos constituintes da urbe, é o construído artificialmente que modela a cidade (OLIVEIRA, 2008). Essa ligação conflituosa está presente na relação das pessoas que vivem nas imediações da floresta (HIGUCHI; AZEVEDO; FORSBERG, 2012; HIGUCHI; SILVA, 2013; SILVA, 2009).

A paisagem urbana de Manaus abarca elementos da natureza, embora esta não seja predominante. Imersos nesse cenário de ambiente urbano permeado pelo ambiente natural, os manauaras são moldados e moldam suas vivências cotidianas em diferentes aspectos (FISCHER, s/d; GIFFORD, 2005).

**Tabela 1:** Distribuição de fragmentos florestais existentes por zonas administrativas

Zona Administrativa	Número de fragmentos
Norte	53
Sul	53
Leste	106
Oeste	125
Centro-Oeste	34
Centro-Sul	72
<b>Total</b>	<b>443</b>

Fonte: ALVES, 2011a.

<sup>7</sup> Área composta por vegetação natural interrompida por barreiras naturais (por exemplo: montanhas, rios) ou, barreiras antrópicas, tais como: cidade, estrada (ALVES, 2011a).

A despeito do número de fragmentos florestais existente na cidade, os parques verdes urbanos existentes são ainda relativamente rústicos, apesar de haver um certo paisagismo começando a se estruturar e integrar a fauna e flora como atrativos do público visitante.

### **Estrutura da dissertação**

Essa dissertação está organizada em capítulos independentes, de tal forma que algumas informações podem ser repetidas. Para desenvolver este estudo foi imprescindível compreender como a relação pessoa-natureza foi construída no decorrer da história e as implicações do contexto sociocultural nesse processo. Deste modo, o Capítulo 1 se inicia com um compêndio sobre o entendimento de natureza ao longo dos diferentes períodos históricos, aborda o significado de natureza interiorizado pelos pais e a visão que eles possuem acerca da conexão com a natureza.

As relações que as crianças estabelecem com o meio ambiente muito contribuem para com o modo como relacionar-se-ão com ele no futuro. Isso significa que a visão que as crianças possuem acerca do ambiente natural pode conduzi-los a proteger e respeitar ou, explorá-lo e degradá-lo (COLLADO SALAS, 2010). Considerando que as crianças internalizam os valores recebidos pelos responsáveis por sua criação, é de fundamental importância fomentar experiências com e na natureza. Por essa razão, no Capítulo 2 será abordado o papel dos pais na relação pessoa-natureza, em seguida será tratado as experiências de lazer proporcionadas pelos pais a seus/suas filhas(os) e as atividades de lazer desejadas.

O conceito de Conexão com a Natureza (CN) pode ser compreendido como a ligação emocional das pessoas com a natureza. Contudo, há um intenso debate acadêmico sobre o aspecto preponderante da CN, o que será abordado no capítulo 3, juntamente com comportamentos de ação direta ou ação indireta em relação à natureza.

Para encerrar a dissertação no último capítulo, Considerações Finais, é problematizado os dados obtidos na realização da pesquisa, a fim de responder o objetivo geral deste estudo.

## (RE) PENSANDO A NATUREZA

*“A história da vida na Terra tem sido uma história de interação os seres vivos e seus ambientes.”*

Rachel Carson, 2010

### 1. Histórico da relação pessoa-natureza

A natureza é um elemento que historicamente nos remete a um mundo físico ou simbólico que está presente na produção e manutenção da vida. Apesar de seu papel vital para a vida humana e não-humana, não há uma definição precisa sobre o que ela designa. Numa perspectiva biofísica, a natureza é designada como sinônimo de vegetação em um espaço ao ar livre, sem construções feitas pela mão humana. Em alguns casos, dependendo do foco técnico, natureza é referida com algum detalhamento, a qual é composta por vários aspectos do mundo natural (plantas, árvores, animais, ecossistema). Em ambos os casos se observa que há uma prevalência de um ambiente que exclui a presença ou ordenamento humano.

Por outro lado, a natureza, mesmo que entendida como um lugar circunscrito no mundo, é reconhecida pelo ser humano a partir de um entendimento que é inevitavelmente resultado das percepções de cada indivíduo (aspectos cognitivos, emocionais e socioculturais). Esse entendimento, também é resultado de um filtro que depende de vários fatores ambientais, como por exemplo, o local em que a pessoa vive (urbano ou rural), o acesso (ou não) a áreas naturais (como parques, florestas, quintais) e o espaço geográfico (montanhas, vales, campos, praia) (IZENSTARK; EBATA, 2016). Portanto, em determinado momento, a natureza é notificada pelos humanos e a partir desse encontro, presencial ou conceitual, se elaboram conhecimentos e vivências. De todo modo, natureza é um conceito que deve ser problematizado.

A própria ideia de natureza pode ser analisada a partir de múltiplos significados, até mesmo antagônicos. A natureza pode designar a qualidade essencial ou característica de algo, a força subjacente que promove eventos no mundo (por

exemplo: tsunamis, terremotos), a totalidade de objetos animados e inanimados, a condição primitiva existente antes da organização das sociedades humanas, ambiente físico oposto ao ambiente humano, o ambiente rural. Considerando que o entendimento de natureza é elaborado a partir das relações sociais, localizadas no tempo e espaço com cenários distintos de outros, podemos inferir que a natureza é uma abstração, não existe uma natureza em si, mas uma natureza pensada, mesmo que se tenha a disposição elementos concretos que designamos “naturais” (DULLEY, 2004). Podemos ainda, inferir que não há uma única natureza, mas sim naturezas, que são construídas histórica, geográfica e socialmente (DULLEY, 2004; IZENSTARK; EBATA, 2016; MACNAGHTEN; URRY, 1998).

A dicotomia pessoa/sociedade versus natureza está presente no discurso dos gregos antigos, passa pelo período medieval, adentra o pensamento moderno e se arrasta até a contemporaneidade, sob diferentes pontos de vista (GONÇALVES, 1989; HEEMAN, 2000; THOMAS, 2010). Os primeiros filósofos gregos – conhecidos como filósofos pré-socráticos, físicos ou, ainda, da natureza (*physis*) – concebiam a natureza de forma ampla, abarcando tudo o que existe (céu, terra, animais, plantas, seres humanos, deuses, mudanças no comportamento humano e a política). Refletindo sobre a *physis*, os filósofos conseguem compreender a totalidade do real; para explicar sua origem, apoiaram-se na ideia de elemento primordial, *arkhe*. A importância desse conceito reside na tentativa desses pensadores de apresentar uma explicação da realidade de forma mais aprofundada, estabelecendo um princípio natural que permeie toda realidade, unificando-a. Tal princípio daria o caráter geral a esse tipo de interpretação (HEEMAN, 2000; MARCONDES, 2004).

Entretanto, a partir de Platão observamos que a natureza passa a ser preterida. Inversamente ocorre a valorização do homem e do pensar, dando início à separação entre seres humanos e natureza. Aristóteles mantém a ênfase no antropocentrismo - o homem é um animal racional, afirma o pensador - pois, o uso da razão lhe é peculiar. Logo, todas as suas ações estão corretas, pois são fruto dessa racionalidade que o distingue do mundo natural (HEEMAN, 2000).

No período medieval, sob a égide da tradição judaico-cristã, a dicotomia entre homem e natureza é acentuada de tal forma que se enfatiza a mensagem do livro de Gênesis, “*Deus criou o homem à sua imagem e semelhança*”. Portanto, o ser humano era superior aos demais seres vivos criados, isto é, superior à natureza. Assim, o domínio do mundo natural, o direito de uso, a modificação da natureza e a

domesticação de animais era justificada por essa superioridade, legitimada pelo pensamento religioso predominante. Enfim, as alterações no mundo natural eram percebidas como uma parte do plano divino, a fim de alcançar a evolução; o domínio da natureza era encarado como a missão primordial dos seres humanos (HIGUCHI; AZEVEDO; FORSBERG, 2012; THOMAS, 2010).

A natureza também foi pensada em contraposição à vila/cidade. Na Antiguidade clássica, a cidade era percebida como *lócus* do homem livre, enquanto os trabalhadores viviam nos campos. Essa mesma relação permanece no período medieval – homens livres viviam na cidade e os servos nos campos. A cidade nasce como sinônimo de prestígio, como resultado da organização, da precisão, o que se contrapõe à natureza, que é livre e segue seus passos (TUAN, 2012).

O domínio do ser humano sobre o mundo da natureza era a meta a ser alcançada por meio do esforço coletivo, ideia central do pensamento moderno (THOMAS, 2010). Nesse contexto, Descartes (2006) desenvolve um conjunto de pensamento decisivo à oposição entre ser humano e natureza. No seminal “Discurso sobre o Método”, o pensador afirma a superioridade do homem, por constituir-se no único ser pensante, capaz de compreender o todo fragmentando-o. Esse modo de compreender a realidade tornou-se o alicerce do método científico, o reducionismo, uma racionalidade limitada pela relação causal entre as variáveis implicadas em um fenômeno (HEEMAN, 2000).

O pensamento cartesiano não distingue máquinas e animais, pois ambos seriam, nessa perspectiva, incapazes de exercer a atividade racional. Observamos que essa percepção de mundo é permeada pelo antropocentrismo e utilitarismo, concebendo a natureza como sinônimo de atraso, de barbárie, sujeita apenas às leis físicas, descritas pelas ciências exatas. Esse paradigma, impactou o pensamento de Isaac Newton, que explicou o funcionamento do mundo natural por meio de leis mecânicas imutáveis. Assim, os fenômenos naturais – que anteriormente amedrontavam os seres humanos – passam a ser dominados pelos mesmos, revelando sua supremacia diante da natureza (FORSBERG, 2012; GONÇALVES, 1989; HIGUCHI; AZEVEDO; FORSBERG, 2012; RIBEIRO et al., 2012).

Na contramão do pensamento científico, emerge o movimento romântico, na Alemanha, que impactou na percepção ocidental da natureza. Na égide desse movimento as montanhas deixam de ser depreciadas como deformidade, as florestas perdem seu ar sombrio, sinônimo de selvageria (KRZARNIC, 2013; THOMAS, 2010).

O Romantismo difundiu-se tanto, a ponto de tornar-se uma ameaça ao poderio da Igreja Católica, pois pressupunha a volta da religião à natureza<sup>8</sup>. Outra marca do romantismo é sua oposição a crescente urbanização e industrialização e o crescente desejo de viver em ambientes rurais, como alternativa ao caos urbano (KRZNARIC, 2013).

Essa natureza rústica na Europa durante o século XIX não detinha esse valor, o que se valorizada era a paisagem natural domesticada, isto é, as lavouras, os jardins. A natureza, em si, não era apreciada (THOMAS, 2010). A dialética de trabalho físico passou a se associar com os espaços campo-cidade. A cidade era percebida como um lugar de liberdade, pois liberava o homem da labuta do campo, para poder satisfazer suas necessidades. Nota-se que o pensamento ocidental chega ao século XIX permeado pelo antropocentrismo e objetividade. Cada vez mais, a natureza é relegada à sua dimensão físico-natural, vista apenas como sinônimo de fauna e flora, objeto a ser dominado, os seres humanos não fazem parte dela.

A concepção da natureza como sendo exterior ao ser humano, pressupõe a ideia do ser humano como não-natural, ou seja, fora da natureza. Essa noção se fortalece com o início da Revolução Industrial, inaugurada pelo capitalismo. Nesse contexto, as ciências da natureza se apartam das ciências sociais. O mundo é pensado a partir de três estratos sobrepostos, que não se comunicavam entre si: Homem-Cultura; Vida-Natureza e Físico-Química (MORIN, 2000). Este paradigma antropocêntrico tem como base a crença da infinitude dos recursos naturais, o contínuo progresso e o inevitável desenvolvimento. Além disso, estabelece uma confiança cega na capacidade da ciência e da tecnologia em resolverem todos os problemas que possam emergir (COELHO; GOUVEIA; MILFONT, 2006).

Um novo movimento social se configura na relação cidade e natureza com o advento da Revolução Industrial. A vida na cidade deixa de ser valorizada pelas elites, pois a poluição emitida pelas fábricas tornava o ar impuro. Concomitantemente, ocorreu um crescimento vertiginoso da população urbana, o que resultou no aumento de moradias em condições inadequadas, sem infraestrutura, criminalidade e mendicância. Nesse contexto, as classes mais abastadas, buscam refugiar-se no campo, para fugir do caos que se instala. Dessa forma, a natureza volta a ser

---

<sup>8</sup> “Deus está em toda parte” um dos lemas do romantismo, tal afirmação coloca em xeque a necessidade de todo arcabouço utilizado para a propagação da fé cristã.

valorizada, como sinônimo de pureza, harmonia (DIEGUES, 2002). Os seres humanos enaltecem o domínio que detém sob a natureza, mesmo que as consequências advindas desse assenhoreamento estabeleçam medidas de ajustamento frente a crise global (ITTELSON et al., 2005).

Apesar disso, a sociedade contemporânea urbanizada caracteriza-se por diminuir cada vez mais o contato com o ambiente natural. Quando esse contato ocorre é feito de forma indireta (visita a um zoológico, por exemplo) e/ou limitados a determinadas ocasiões (trilhas, por exemplo). Nesse sentido, o contato do ser humano com a natureza, tem se pautado pelo aspecto recreativo que a mesma possibilita. Ora, é por meio da familiaridade, que projetamos o afeto – assim como o desprezo, pois conforme algo se torna familiar, pode diminuir sua capacidade de nos surpreender (DIEGUES, 2002). Por essa razão, o estudo acerca dos valores e atitudes contribuem, sistematicamente para promover intervenções que viabilizem a mudança de comportamento (COELHO; GOUVEIA; MILFONT, 2006).

Numa perspectiva ecológica, a natureza pode ser designada ecossistema, uma vez que ela se distingue como uma comunidade de seres vivos e o espaço por ela ocupado. A ideia de sistema abarca as restrições e interações entre os seres vivos, que formam uma totalidade auto organizada, as relações ocorrem de forma integrada entre sistemas abertos, que apesar de distintos, juntos formam um todo. Este novo conceito modifica a ideia de natureza presente nas ciências biológicas e humanas. A natureza deixa de ser pensada como sinônimo de desordem, passividade, o ser humano não está mais isolado dela, mas estabelece uma relação pautada pela autonomia e dependência (MORIN, 2000).

Essa mudança de paradigma, permite postular que os problemas ambientais são problemas humanos e estes, por sua vez, são desencadeados pelos valores e atitudes de cada pessoa. Concebe-se, ainda que os problemas econômicos, sociais, políticos, etc. – estão atrelados à dimensão psicológica dos indivíduos, isto é, dependem da percepção, da motivação, dos valores e atitudes inerentes a cada ser. A percepção pode ser compreendida como a reação dos sentidos diante de um estímulo; por essa razão, as pessoas possuem visões díspares sobre a natureza e, reagem a ela de modo diverso. Já, a atitude, está ligada à cultura, diz respeito ao nosso posicionamento no mundo; é formada a partir de um conjunto de percepções, que fundamentam a experiência. Em conjunto, atitude e percepção, nos possibilitam

pensar a topofilia, isto é, a conexão afetiva entre uma pessoa e o ambiente físico, isto é, o lugar (TUAN, 2012).

Se por um lado as subjetividades são aspectos constituintes desse modo de pensar e agir, os aspectos biofísicos presentes na natureza também têm um papel importante nesse fenômeno comportamental. Muito se tem falado e ouvido sobre a importância da natureza seus recursos, seus serviços e sua biodiversidade (SANTOS et al., 2012). No entanto, tal narrativa parece estar dissociada de ações efetivas de cuidado. Observa-se que ao longo do tempo vem ocorrendo um distanciamento da natureza (FRUMKIN et al., 2017; KAHN; KELLERT, 2002; LOUV, 2016) e por sua vez os recursos naturais têm sido relegados a níveis secundários na sociedade contemporânea.

O conhecimento e a análise sistemática da natureza possibilitam a elaboração do conceito de meio ambiente, qual seja, a totalidade das condições externas a qualquer organismo e necessárias para sua existência. Por sua vez, o conceito de ambiente designa a natureza apreendida através do sistema social desenvolvido pelos seres humanos, formado tanto pelos humanos, quanto pelas demais espécies reconhecidas (DULLEY, 2004). Todas essas relações ocorrem num espaço circunscrito integrado com seus elementos de tal forma que a natureza se caracteriza como um sistema aberto, marcado pela relação dialógica de autonomia e dependência organizadora, dentro de um ecossistema, no qual o ser humano está inserido (MORIN, 2000).

A partir do que foi exposto, fica claro que não há uma definição simples para o que é natureza. No âmbito acadêmico existe inúmeras referências acerca da tentativa de definir natureza ou, elaborar uma explicação histórica de como as dificuldades de definir o que é a natureza emergiram (BRATMAN; HAMILTON; DAILY, 2012; MACNAGHTEN; URRY, 1998; THOMAS, 2010; VINING; MERRICK; PRICE, 2008). Isso nos leva a inferir que tal variação está atrelada com a forma de contato com a natureza e o modo como as pessoas se relacionam com ela e, portanto, as numerosas definições de natureza são apropriadas dentro do contexto em que foram elaboradas (FRUMKIN et al., 2017).

Deste modo, neste estudo consideramos natureza como um sistema aberto, marcado pela relação dialógica de autonomia e dependência organizadora, dentro de um ecossistema, no qual o ser humano está inserido (MORIN, 2000). Esse sistema aberto, aqui designado natureza, no entanto, é composto por atributos onde

sobressaem tanto uma cobertura florística com uma fauna singular quanto as composições geográficas e físico-químicas próprias de lugares pouco modificados pelos humanos. Subjacentes às diferentes concepções dadas, está o papel atribuído à natureza que se constitui num ecossistema biogeofísico.

Esse entendimento seria análogo ao entendimento dos pais-mães ao se referirem à natureza? A que situações o termo natureza remete o pensamento desses pais-mães? Estaria esse entendimento presente nas ações do dia-a-dia?

## **2. Método, técnica e participantes do estudo**

Para compreender o entendimento dos participantes, que estão imersos nesse cenário de urbano permeado por elementos da natureza, foi utilizada a técnica de associação livre de palavras que consistiu em pedir que o participante expressasse três palavras livremente, acerca do que pensava quando a palavra estímulo “natureza” fosse mencionada. Tal técnica é útil para acessar aquilo que é mais central no pensamento da pessoa, sem passar pela consciência ou estruturas de aprovação social (AZEVEDO, 2013).

Em busca das respostas às questões postas nesse estudo, foi aplicado uma entrevista com 58 pais, sendo 25 mulheres (43,1%) e 33 homens (56,9%) residentes na cidade de Manaus-AM. A média da idade dos participantes foi de 35 anos de idade (DP: 6,3). Entre os entrevistados 13,8% eram solteiros ou divorciados e 86,2% eram casados ou viviam em união estável. Entre os participantes, 53,4% eram pai/mãe de apenas um filho, 37,9% de dois filhos, 5,2% de 3 filhos e 3,4% de quatro filhos. Os participantes relataram ser de poder aquisitivo relativamente alto para o padrão brasileiro, sendo 12% com renda familiar maior que 15 salários mínimos<sup>9</sup>, 50% com renda econômica entre 7 e 14 salários mínimos e 37% abaixo de 4 salários mínimos. A escolaridade também se mostra elevada entre os entrevistados, sendo que 26% dos participantes concluíram o Ensino Médio; 43% concluíram o Ensino Superior e 31% concluíram curso de pós-graduação (10,3% especialização, 12,1% mestrado e 8,6%

---

<sup>9</sup> Entre os meses de janeiro a abril, de 2017, o valor do salário mínimo nominal era de R\$937,00, de acordo com o DIEESE. Todavia, de acordo com essa instituição o salário mínimo ideal era de R\$ 3.899,66 no mesmo mês.

doutorado). Tem-se, portanto uma amostra que se configura com renda média-alta e escolaridade superior.

Ao enunciar ‘natureza’ como palavra estímulo, foi solicitado aos 58 entrevistados que citassem três palavras que estariam a ela associadas de alguma forma. Com isso, obteve-se um total de 172 palavras, sendo 73 termos distintos (Quadro 1), que foram inseridas em uma planilha de dados estatísticos do SPSS, versão 21.

**Quadro 1:** Palavras mencionadas por pais (n=33) e mães (n=25) na associação livre com a palavra estímulo “natureza”

Água	Beleza	Desestressar	Futuro	Parte física	Preservação	Verde
Amor	Bem comum	Diversão	Harmonia	Paz	Proteção	Vida
Animais	Bem-estar	Equilíbrio	Homem	Pedalar	Pureza	Zelo
Ar	Calma	Essencial	Infância	Peixe	Qualidade de vida	
Ar livre	Carinho	Esquecer as tarefas	Lazer	Pesca	Recursos naturais	
Ar puro	Chuva	Família	Liberdade	Plantação	Reflorestamento	
Arborização	Conexão	Floresta	Macaco	Plantas	Refúgio	
Árvores	Conforto	Folha	Meditação	Praia	Respeito	
Árvores frutíferas	Corrida	Fruta	Mosquito	Prazer	Rios	
Aventura	Cuidado	Fuga	Necessidade	Preocupação	Saúde	

Em seguida, foi realizada análise descritiva de frequência de tais palavras citadas. Nessa etapa respeitou-se o ponto de corte na frequência de 4 citações, a fim de evitar o uso de palavras com baixa relevância de compartilhamento entre os participantes (AZEVEDO, 2013). Restaram, portanto, 13 palavras que foram citadas no mínimo 4 vezes (Tabela 2). Ao analisar as palavras selecionadas, optou-se por juntar as palavras que possuíam significado análogo, resultando em 12 palavras.

**Tabela 2:** Maiores frequências das palavras obtidas de pais (n=33) e mães (n=25) pela associação livre com a palavra estímulo “natureza”

Palavras	Frequência
Paz	16
Animais	11
Tranquilidade	10
Árvores	8
Verde	7
Água	6
Bem-estar	6
Preservação	6
Vida	6
Ar puro	5
Saúde	5
Beleza	4
Calma	4

Posteriormente, foi calculado o coeficiente de correlação, número que demonstra o quão fortemente duas variáveis estão relacionadas entre si. O coeficiente de correlação de Pearson ( $r$ ) é normalmente utilizado, pode variar de -1 a 1. Uma correlação 0 revela que duas variáveis não estão relacionadas; quanto mais próximo de -1 ou 1, mais forte é a relação (COZBY, 2003). Após a correlação, as palavras obtidas através da aplicação da técnica de associação livre foram trabalhadas a partir da Análise da Estrutura de Similaridade ou Análise dos Menos Espaços (SSA – *Similarity Structure Analysis* ou *Smallest Space Analysis*) - juntamente com algumas variáveis sociodemográficas que demonstraram maior correlação - que fornece uma representação geométrica dos dados no espaço, tendo por base a distância euclidiana.

Além de compreender o significado que os pais atribuem à natureza buscou-se apreender o que eles pensam/entendem sobre estar ligado ou conectado à natureza. Os dados obtidos foram submetidos à análise de conteúdo, segundo os preceitos de Bardin (2016). Inicialmente, foi feita uma “leitura flutuante” que possibilitou à apropriação do texto (BARDIN, 2016; MACIEL; MELO, 2011). Em seguida, procedeu-se a codificação do material em unidades de significação, o que resultou em categorias. Estas devem possuir validade interna, ou seja, devem ser exclusivas (cada unidade de registro abarca apenas uma categoria) e exaustivas (todas as unidades de registro devem ser classificadas em alguma categoria). Uma vez alcançada a validade interna, foi preciso obter a validação externa, isto é, de outros pesquisadores que atuaram como “juízes” ao analisar as entrevistas e validar as categorias emergentes (BARDIN, 2016; MACIEL; MELO, 2011).

Após a validação das categorias, foi calculado a frequência dos participantes que se enquadraram em cada uma das categorias. Em seguida, as categorias de entendimento foram submetidas a representação geométrica dos dados no espaço, tendo por base a distância euclidiana - Análise da Estrutura de Similaridade (SSA – *Similarity Structure Analysis*) - com variáveis sociodemográficas. Inicialmente, o SSA foi analisado com todas as variáveis sociodemográficas presentes no protocolo de pesquisa (gênero, idade, renda, escolaridade, religião, tipo de moradia, número de filhos), o que resultou em índices de ajustes considerados inadequados. Por essa razão, optou-se por retirar algumas variáveis, até alcançar índices de ajustes satisfatórios.

### **3. Resultados e discussão**

A análise dos dados obtidos durante a pesquisa está organizada em duas seções, a primeira aborda a concepção que os participantes possuem acerca do que é a natureza e a segunda trata sobre o entendimento dos pais e mães sobre o que é a conexão com a natureza.

#### **3.1 Concepção atribuída à natureza pelos pais**

A representação social de viver em Manaus está associada a viver próximo à natureza (BRUNO; MENEZES, 2012). Todavia, os que aqui moram, sabem que a vida

na cidade pouco representa a exuberância da natureza que dá nome à região. Apesar do número de fragmentos florestais existentes na cidade (443), os parques verdes urbanos existentes são ainda relativamente rústicos. Assim, buscou-se analisar a associação cognitiva atribuída pelos pais à natureza.

O cálculo do coeficiente de correlação de Pearson em função das variáveis sociodemográficas (gênero, idade, número de filhos, renda e escolaridade) e as palavras citadas na técnica de associação livre, indica tanto correlações positivas, quanto negativas (Tabela 3).

**Tabela 3:** Correlação entre tipos de entendimento de natureza em função do perfil sociodemográfico

		Gênero	Idade	Número de filhos	Renda	Escolaridade
Água	Correlação de Pearson	-,067	-,060	-,039	-,028	,052
	Sig. (2 extremidades)	,617	,656	,769	,834	,699
	N	58	58	58	58	58
Animais	Correlação de Pearson	-,243	,173	-,263*	-,093	-,150
	Sig. (2 extremidades)	,066	,195	,046	,489	,261
	N	58	58	58	58	58
Ar puro	Correlação de Pearson	,105	,118	-,242	-,011	-,021
	Sig. (2 extremidades)	,434	,377	,067	,937	,875
	N	58	58	58	58	58
Árvores	Correlação de Pearson	-,247	,108	-,248	-,201	-,360**
	Sig. (2 extremidades)	,061	,420	,060	,131	,006
	N	58	58	58	58	58
Beleza	Correlação de Pearson	,038	-,082	-,032	,206	,253
	Sig. (2 extremidades)	,778	,538	,814	,121	,056
	N	58	58	58	58	58
Bem-estar	Correlação de Pearson	-,067	-,060	,037	-,028	,052
	Sig. (2 extremidades)	,617	,656	,784	,834	,699
	N	58	58	58	58	58

Paz	Correlação de Pearson	,398**	,049	,240	,189	,214
	Sig. (2 extremidades)	,002	,716	,070	,155	,107
	N	58	58	58	58	58
Preservação	Correlação de Pearson	-,181	,027	,265*	-,109	-,099
	Sig. (2 extremidades)	,173	,841	,044	,414	,462
	N	58	58	58	58	58
Saúde	Correlação de Pearson	-,143	,118	-,077	,166	,142
	Sig. (2 extremidades)	,283	,377	,566	,213	,287
	N	58	58	58	58	58
Serenidade	Correlação de Pearson	,241	-,140	,043	-,008	,015
	Sig. (2 extremidades)	,068	,294	,749	,953	,912
	N	58	58	58	58	58
Verde	Correlação de Pearson	,212	-,132	-,079	,185	,186
	Sig. (2 extremidades)	,110	,322	,558	,165	,163
	N	58	58	58	58	58
Vida	Correlação de Pearson	,162	-,233	-,039	,135	,052
	Sig. (2 extremidades)	,225	,079	,769	,314	,699
	N	58	58	58	58	58

A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades)\*\*

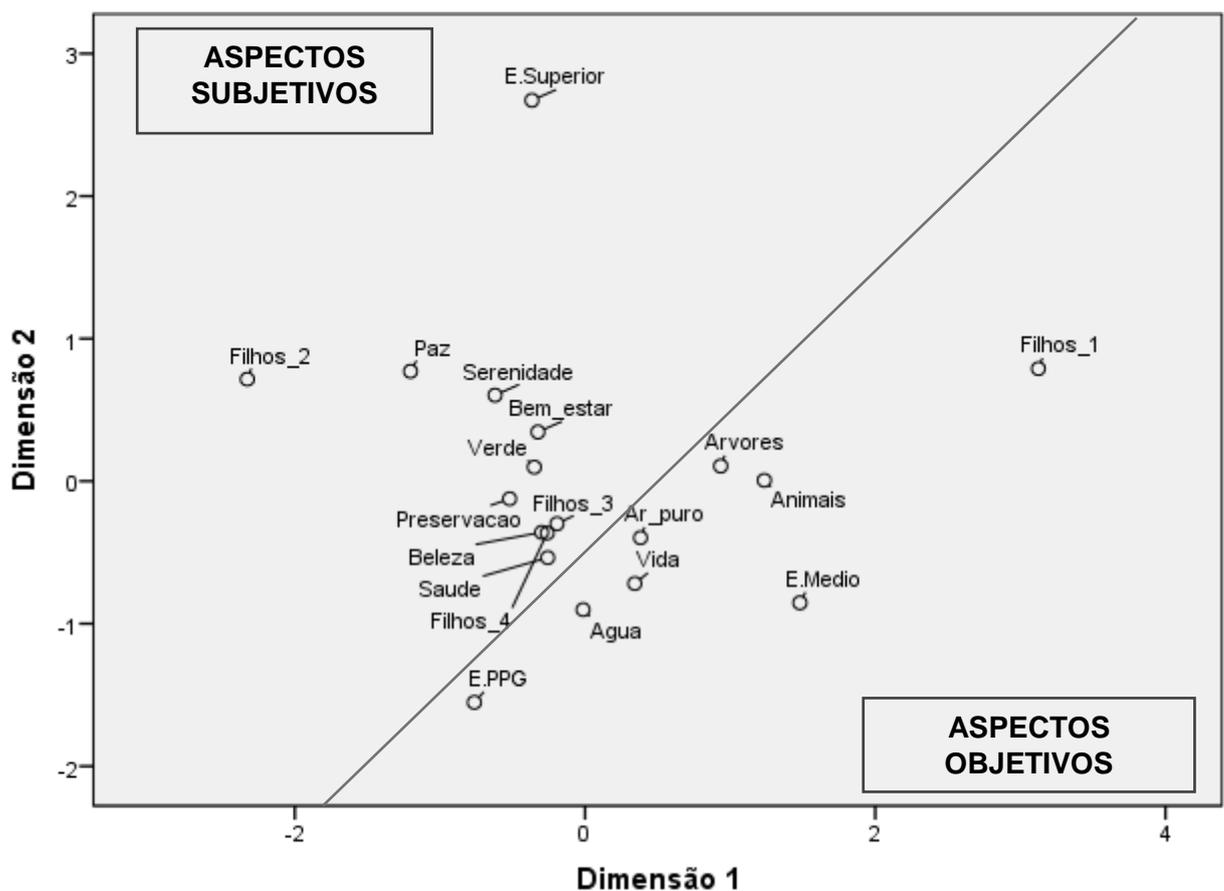
A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades)\*

Os dados demonstram uma relação negativa entre a palavra *árvores* e a variável escolaridade, ou seja, conforme eleva-se o nível de ensino, o termo *árvores* é menos mencionado para se referir à natureza. Observa-se também que há correlação negativa entre o número de filhos que os participantes possuem e a palavra *animais*, isto é, o número de filhos é inversamente proporcional a menção de *animais*. A variável escolaridade apresentou correlação positiva com a palavra *beleza*, assim como *preservação* e número de filhos e *paz* com gênero. Isso significa que o aumento da escolaridade é proporcional ao número de vezes que o termo *beleza* foi mencionado, o que também ocorre entre *preservação* e número de filhos dos

participantes. Como algumas variáveis sociodemográficas indicaram ausência ou baixa correlação, elas não foram inseridas na projeção do SSA.

O SSA deve ser analisado a partir da proximidade entre os pontos, o que indica similaridade entre eles, ou seja, dois pontos representados próximos indicam variáveis altamente correlacionadas de forma positiva, indicando 'regiões de contiguidade' ou 'regiões de descontinuidade'. Assim, quanto mais distante os pontos, menor a correlação entre as variáveis (ROAZZI, 1995; ROAZZI; DIAS, 2001). Para tanto, foi utilizada a análise multidimensional não-métrica no programa SPSS (Figura 1).

**Figura 1: Projeção de SSA baseado na associação livre**



O SSA ordena os dados em um espaço multidimensional (projeção) de forma a representar todos os itens e a relação estabelecida entre eles. Assim, a projeção é elaborada a partir da correspondência entre os itens, de tal modo que itens que não

estão alocados na mesma região, não compartilham facetas e nem categorias. O SSA distribui o espaço em regiões, assim, todos os itens de uma mesma categoria se localizam em uma mesma região (ROAZZI, 1995). Os índices de ajuste do SSA (Stress: ,16972 e RSQ: ,90198<sup>10</sup>) mostraram-se satisfatórios. Conforme é possível observar alguns itens encontram-se próximos um do outro e altamente relacionados entre si. Do mesmo modo, há itens mais distantes entre si, revelando menor correlação entre as variáveis, em conformidade com o resultado obtido no cálculo da correlação (Tabela 3).

Observa-se com a espacialização proporcionada pelo SSA a formação de duas facetas presentes no pensamento desses participantes. Pode-se inferir, a partir desse resultado, que o significado atribuído pelos pais à natureza está fundamentado em aspectos subjetivos e aspectos objetivos, ou seja, trata-se de uma natureza associada aos benefícios psicossociais que ela proporciona e de alguns elementos que a constituem. Essa percepção está atrelada às relações sociais estabelecidas (LENOBLE, 1969) e necessidades impostas pela vida contemporânea, como a necessidade de bem-estar mental.

As experiências diretas<sup>11</sup> com a natureza estão associadas a inúmeros benefícios psicossociais, dentre eles a redução de níveis de stress, da fadiga mental e melhora cognitiva (KAPLAN; KAPLAN, 1982, 1989; KAPLAN, 1995; STODOLSKA et al., 2011). Isso justifica porque as palavras *paz*, *serenidade*, *bem-estar* e *saúde* aparecerem próximas na faceta denominada Aspectos Subjetivos. O termo *verde* compartilha a mesma faceta, o que se deve à proximidade com a floresta amazônica e a presença de fragmentos florestais urbanos. Ainda na mesma faceta, está o termo *preservação* – próximo a *verde* - o que pode ser decorrente de processos de sensibilização acerca da necessidade de proteger a floresta e, conseqüentemente, manter os benefícios psicossociais por ela proporcionado. Dentre as variáveis sociodemográficas associadas nessa faceta estão ensino superior e pais que possuem de 2 a 4 filhos. Isso quer dizer que pais com ensino superior e com 2 a 4

---

<sup>10</sup> *Stress (Standardized residual sum of squares)* de Kruskal é uma medida comumente empregada para determinar uma adequação de ajuste ao modelo; quanto menor o seu valor, melhor. O RSQ (*r-squared*) é o coeficiente de determinação do modelo; quanto mais próximo de 1, melhor o ajuste (HAIR et al., 2009).

<sup>11</sup> O contato direto com a natureza é aqui entendido em consonância com a proposição de Kellert (2002), isto é, o contato físico direto com lugares naturais e espécies não-humanas, apartado do controle exercido por pessoas.

filhos tenderam a atribuir significados subjetivos característicos da sua percepção à natureza.

A faceta denominada Aspectos Objetivos é composta por palavras que se referem a elementos que fazem parte da natureza, identificados de forma mais direta, pragmática pelos participantes da pesquisa. Essas palavras estão mais presentes nos pais que fizeram pós-graduação. Tais vocábulos remetem à caracterização biofísica própria do bioma natural em contraposição aos demais ecossistemas urbanos. O bioma é composto por diversos ecossistemas, constituído por organismos, seus ambientes físicos e químicos e as relações que estabelecem entre si (RICKLEFS, 1996; SOUZA et al., 2012). O ecossistema amazônico distingue-se pela biodiversidade, destacando-se a floresta amazônica como uma mata heterogênea, densa e intrincada – plantas crescem próximas umas das outras (FORSBERG, 2012; SOUZA et al., 2012). Assim, palavras como *árvores*, *animais*, *ar puro*, *água* e *vida* foram alocadas nessa faceta.

Percebe-se, portanto, um grupo de pais que remetem natureza a uma configuração mais adjetivada a partir de vivências afetivas e simbólicas e outros que a remetem à sua caracterização física e biológica. Os resultados obtidos demonstram que, para os participantes da pesquisa, a concepção de natureza está alicerçada em elementos facilmente identificáveis que a constituem e em benefícios psicossociais proporcionados por ela, que se manifestam em última instância, na melhoria da saúde.

Uma vez que a concepção de natureza é pensada a partir das relações sociais estabelecidas (LENOBLE, 1969), é também possível apreender como os participantes pensam a conexão com a natureza, o que será abordado no item subsequente.

### **3.2 Pensando a conexão com a natureza**

Estar conectado com a natureza é um estado vivencial que pode ser problematizado de diversas formas. Por um lado, sentir-se conectado pode sinalizar vivências emocionais e afetivas que resultam do contato com esse ambiente. Por outro lado, entender-se conectado à natureza pode suscitar racionalidades específicas que ditam possibilidades diferenciadas. Para compreender essa categoria “conexão à natureza” vários autores se debruçaram em tornar compreensível tal comportamento, de como as pessoas pensam e efetivamente se relacionam com ela.

Em comparação às gerações anteriores temos um maior déficit de natureza (LOUV, 2016). Todavia as pessoas não se dão conta disso, de tão imersas que estão na vida urbana, caracterizada pela alta velocidade e níveis elevados de *stress*. Somente o contato com a natureza é capaz de desvelar a insensatez do ritmo de vida que levamos. Considerando as características de viver em grandes metrópoles e os benefícios psicossociais propiciados pela conexão com a natureza, buscou-se compreender o que os participantes pensam acerca dessa conexão.

A partir da análise do conteúdo latente nas falas dos participantes emergiu três tipos de entendimento sobre estar ligado ou conectado à natureza: (a) egocêntrico; (b) altruísta e (c) biosférico. A denominação dessas categorias foi inspirada na nomenclatura utilizada por Stern e Dietz (1994) e Schultz (2001, 2004). Portanto, para esses pais e mães estar conectado à natureza pode ser entendido a partir de uma visão egocêntrica, altruísta ou biosférica. Deste modo, pessoas que se percebem como separadas da natureza são classificadas como possuindo crenças egoístas/egocêntricas; aqueles que se preocupam com os outros, possuem crenças altruístas e as crenças biosféricas estão presentes em pessoas que se consideram como parte da natureza, da mesma forma que os animais e plantas.

Observa-se que esse entendimento sobre conexão com a natureza se ancora em valores sobre a própria natureza. Vários estudos que se dedicaram a compreender a relação dos valores com atitudes, mostram que diferentes valores estão associados com distintas atitudes em relação aos problemas ambientais. A partir desse pressuposto, Stern e Dietz (1994) desenvolveram o Modelo dos Valores-Crenças-Normas (*Value-Belief-Norm Model*, VBN). Essa teoria classifica os valores ambientais em: (a) egocêntricos, levam as pessoas a se preocuparem com as questões ambientais que as afetam diretamente; (b) as pessoas conduzidas pelos valores sociais-altruístas preocupam-se com as questões ambientais que afetam outras pessoas, e por sua vez, (c) quem possui valores biosféricos importa-se com as questões ambientais que impactam outros seres vivos (SEVILLANO; ARAGONÉS; SCHULTZ, 2007; STERN; DIETZ, 1994).

Pesquisas realizadas por Schultz (2001; 2004) apresentaram resultados consistentes com o Modelo dos Valores-Crenças-Normas, proposto por Stern e Dietz (1994). Todavia, Schultz (2001) considera que a crença sobre o quanto a pessoa faz parte do ambiente natural produz o tipo de preocupação desenvolvido por cada um, assim como as motivações para agir.

Nesse estudo constatou-se que a maioria dos pais mostraram visões egocêntricas (53,4%), seguido por aqueles que possuem visão altruísta (27,6%) e em menor percentual pais com visão biosférica (15,5%). Os demais 3,4% não souberam responder (Ver Tabela 4).

**Tabela 4:** Visões sobre conexão com a natureza

<b>Tipo de visão</b>	<b>Total %</b>
Egocêntrica	53,4
Altruísta	27,6
Biosférica	15,5
Não soube responder	3,4
<b>Total</b>	<b>100</b>

*Visão Egocêntrica:*

A visão egocêntrica de conexão com a natureza (53,4%) se refere à valorização do bem-estar individual advindo do contato físico com a natureza, a preocupação em preservar a natureza para garantir os serviços ambientais e, finalmente, a conexão espiritual, conforme ilustram os excertos abaixo:

“Para mim natureza é uma forma de você fazer é a minha terapia [...], eu volto com a bateria renovada assim, eu volto zerado [...], eu gosto muito de pescar então, quando eu tô lá eu zero assim, eu não penso em problema nenhum, eu fico tranqüilinho, volto zerado, volto quebrado mas, volto zerado. É como se eu desligasse da cidade entendeu? Eu entro numa outra sintonia, pode tá caindo o mundo lá, pra mim não faz diferença entendeu?” Pai, 44 anos.

“É preservar [...] porque a gente tem um ar melhor, uma ventilação melhor, um clima melhor na verdade, um tempo melhor que você passa ali dentro, eu pelo menos penso assim.” Pai, 35 anos

“É você estar um pouco conectado com o criador [...] O que eu entendo por estar conectado à natureza é você estar vendo ali obra de um ser superior, que criou um ambiente no qual deveria prevalecer um ambiente de convívio entre as pessoas.” Pai, 39 anos

Estudos revelam que o contato com a natureza promove redução de níveis de *stress* e fadiga mental. Tendo como base o conceito de atenção voluntária desenvolvido por William James, Kaplan e Kaplan (1982, 1989) e Kaplan (1995) postulam a existência de ambientes restauradores, isto é, ambientes que favorecem a renovação da atenção direcionada e, conseqüentemente, redução da fadiga mental. Para ser considerado um ambiente restaurador, o mesmo deve possuir os seguintes elementos: escape, extensão, fascinação e compatibilidade.

O escape está associado a sensação de distanciamento, de fuga promovida pelo afastamento mental e físico de ambientes causadores de stress. A extensão está atrelada a sensação de estar em contato, de reconhecer o mundo ao seu redor. Já a fascinação refere-se ao estímulo que desperta a atenção involuntária. Por fim, a compatibilidade alude a congruência entre o que o ambiente pode oferecer e o que a pessoa deseja realizar ali (ALBUQUERQUE; SILVA; KUHNEN, 2016; ALVES, 2011b). Por possuir essas características, o ambiente natural é considerado um ambiente restaurador, de acordo com os critérios estabelecidos por Kaplan e Kaplan (KAPLAN, 1995) e, desse modo capaz de proporcionar o bem-estar psicossocial.

#### *Visão altruísta:*

Os participantes que relataram que a conexão com a natureza envolve a preocupação em preservá-la para que outros possam se beneficiar (sociedade ou, gerações futuras) ou, efetivar ações que visem conservar e diminuir o impacto sobre a natureza, foram classificados na categoria altruísta (27,6%):

“Ligada, conectada, uma pessoa que gosta da natureza, que talvez foi criada da mesma forma que eu fui, tendo contato com a natureza e que quer preservar, quer sempre, quer manter da melhor forma, que hoje em dia as pessoas não pensam, a cidade a maioria é asfaltada, poucos tem espaço verde, então acho que a pessoa pensa em deixar pras futuras gerações um pouquinho dessa natureza.” Mãe, 32 anos

“Você poder deixar para outras gerações [...] Pelo simples fato de eu saber que eu tô plantando e eu posso não aproveitar aquilo, mas o meu filho, o meu neto pode aproveitar.” Pai, 25 anos

“O fato da gente tá sempre cuidando, fazendo a nossa parte com relação a preservação, limpeza e preservação.” Mãe, 27 anos

Nos excertos acima está manifesta a preocupação com a exploração deletéria da natureza e o reconhecimento da natureza como necessária para a vida de todos os seres vivos. A bondade, considerada como sentimento moral, pode ser descrita como o desejo de praticar o bem. O que está fortemente relacionado a compaixão, isto é, a disposição em amenizar o sofrimento do outro e ao altruísmo, emoção social que dela resulta (LENCASTRE, 2010). Tais sentimentos fundamentam o comportamento ecológico, ou seja, ações em prol do ambiente (PATO; TAMAYO, 2006) e estão presentes na visão de conexão com a natureza dos entrevistados. Desse modo, ao efetivar ações que visam a preservação da natureza, para benefício da sociedade e futuras gerações, os pais manifestam uma postura de respeito à natureza.

#### *Visão Biosférica:*

A visão biosférica de conexão com a natureza (15,5%), compreende aqueles participantes em que está arraigado o sentimento de pertença, isto é, que se identificam como parte da natureza, assim como outros seres vivos. As seguintes narrativas exemplificam esse tipo de entendimento:

“Estar em comunhão com os outros seres vivos né, com os ecossistemas e tal [...] É se identificar com os seres vivos, com plantas e animais.” Pai, 39 anos

“Conexão, vamos dizer, espiritual, onde você se sente próximo dos animais, das plantas e considera que você, você tem com esses elementos um destino em comum, compartilha algumas características com eles e você reconhece que o seu desenvolvimento, a sua vida é intrinsecamente dependente desses elementos.” Pai, 36 anos

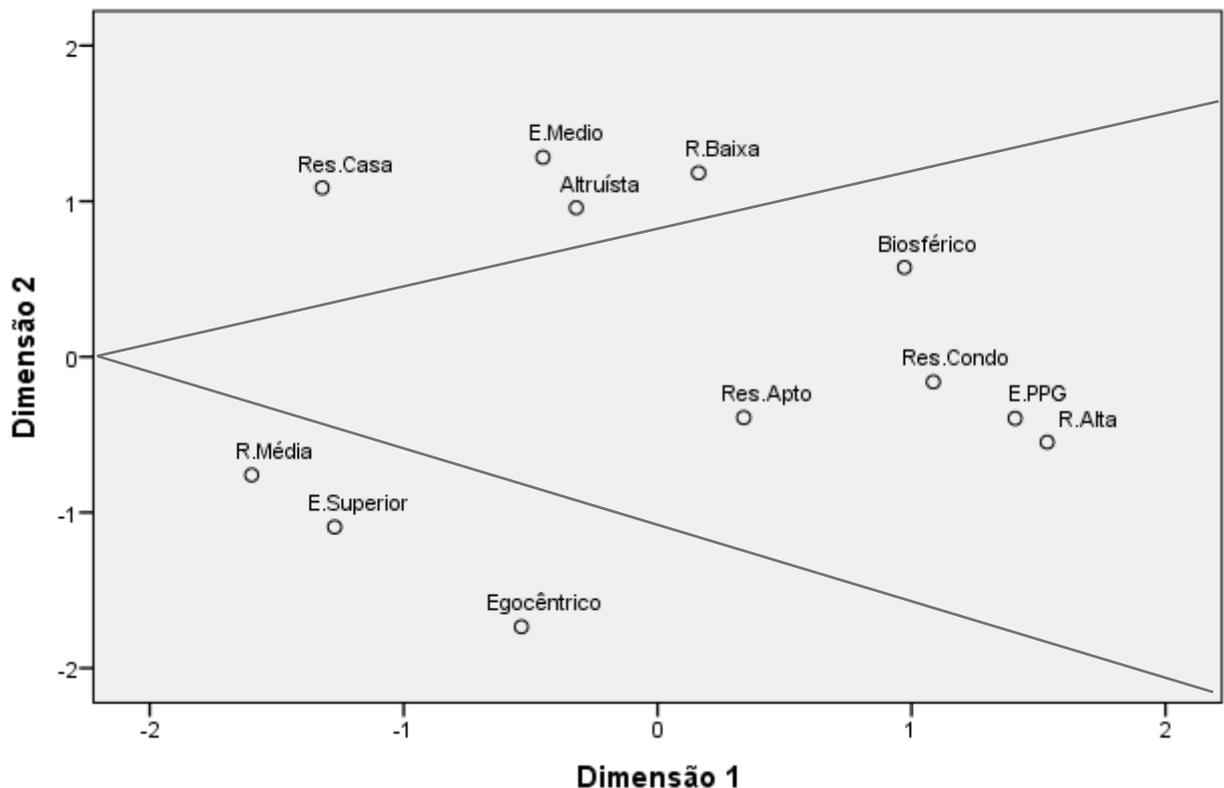
“Acho que é isso, estar em contato com nossa essência mesmo, de ser humilde, de reconhecer que eu não sou melhor ou maior que uma árvore, que um pássaro, que uma minhoca.” Mãe, 49 anos

A visão biosférica de conexão com a natureza está fortemente associada com a ética da terra, desenvolvida por Leopold (1970). Este considera que a terra é a comunidade base da ecologia e deve ser respeitada e amada como extensão da ética. O reconhecimento do pertencimento conduz as pessoas a cooperar com a

comunidade terrestre, isto é, com o solo, a água, plantas, animais, a coletividade enfim, de afirmar o direito de existência de todos os seres, no estado natural. Em suma, sob a perspectiva da ética da terra o ser humano deixa de ser visto como um conquistador da comunidade terrestre, para tornar-se cidadão, companheiro dessa comunidade, o que implica em respeito por seus outros membros.

A partir dessas categorias surge o questionamento sobre quem seriam essas pessoas que se distinguem pelo tipo de entendimento dado à conexão à natureza. Norteadas por essa indagação, as categorias de entendimento de CN e variáveis sociodemográficas foram submetidas a Análise dos Menores Espaços (SSA) (Figura 2).

**Figura 2: Projeção de SSA baseado nas categorias de entendimento de CN e variáveis sociodemográficas**



O SSA representa os dados em uma projeção, de forma que é apresentado todos os itens selecionados e a relação estabelecida entre eles. Assim, as variáveis que ocupam a mesma região, ou faceta, possuem correspondência entre si. Os índices de ajuste do SSA (Stress: ,15010 e RSQ: ,85997) mostraram-se satisfatórios. Nota-se que ocorreu a formação de três facetas, que caracterizam os participantes a partir do seu entendimento sobre CN.

Os entrevistados que possuem visão egocêntrica de conexão com a natureza configuram-se como pessoas que possuem o ensino superior completo e renda média. Os participantes que possuem visão altruísta de conexão com a natureza são descritos como pessoas que possuem o ensino médio completo, renda baixa e habitam em casa. Por sua vez, àqueles que têm visão biosférica da conexão com a natureza estão associados às seguintes características: possuem pós-graduação, renda alta e vivem em apartamentos ou condomínios fechados.

Ao nos debruçarmos sobre a história do pensamento humano, percebemos que a ideia de natureza é construída histórica, geográfica e socialmente, o próprio campo acadêmico corrobora essa afirmação, devido as diferentes conceituações de natureza existentes (BRATMAN; HAMILTON; DAILY, 2012; DULLEY, 2004; IZENSTARK; EBATA, 2016; MACNAGHTEN; URRY, 1998; THOMAS, 2010; VINING; MERRICK; PRICE, 2008). A análise dos dados obtidos durante a pesquisa permite inferir que, entre os participantes, a percepção de natureza é permeada pelas vivências afetivas e simbólicas, pelo bem-estar que ela proporciona e por sua caracterização física e biológica. A partir desse entendimento de natureza, emerge três tipos de entendimento de conexão com a natureza – egocêntrico, altruísta e biosférico - que estão fortemente atrelados a determinadas variáveis sociodemográficas, como escolaridade, renda e o tipo de moradia.

## TÃO PERTO E TÃO LONGE: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E ALMEJADAS DOS PAIS COM SEUS FILHOS NA NATUREZA

*“O modo mais eficaz de conectar as crianças com a natureza é também conectar-se com a natureza”*

(Louv, 2016)

### 1. O papel dos pais na relação pessoa-natureza

Os valores que uma família possui em relação à natureza tornam-se um forte preditor para a ligação com natureza entre crianças, bem como o seu envolvimento em práticas ambientalmente responsáveis (COLLADO SALAS, 2010). Pesquisas revelam que quando os pais ou outros membros da família demonstram interesse pelo ambiente natural para as crianças, isso contribui para aumentar a sensação de bem-estar e instigar a consciência das crianças pelas questões ambientais, o que reverbera na vontade futura de adotar atitudes pró-ambientais (JAMIESON, 2015).

Estudos apontam que o cuidado com o ambiente se assenta em experiências positivas com a natureza durante a infância, o que prediz o sentimento de conexão com a natureza. Entretanto, como garantir que isso se torne rotineiro se cada vez mais as pessoas estão se distanciando da natureza?

Pesquisas revelam que quanto maior a conexão afetiva com o ambiente natural, tanto maior o propósito em se envolver com ele. Dois preditores são relevantes para demonstrar a afinidade com a natureza: as experiências - tanto no presente, quanto no passado - com a natureza e adultos de referência (LOUV, 2016) ou, outros significativos (BERGER; LUCKMANN, 2012), com as quais compartilham esses momentos. Tais elementos predispõem a adoção de comportamentos de proteção e cuidado da natureza (D'AMORE, 2015; ERNST; THEIMER, 2011; KALS; SCHUMACHER; MONTADA, 1999).

Em suma, as crianças exploram o mundo à sua volta, por meio das oportunidades que os adultos oferecem. Por essa razão, os adultos, com os quais uma criança convive, são capazes de fomentar o vínculo com a natureza, através do seu próprio exemplo - o sentido e o respeito que conferem à natureza comunicam o valor que ela representa e, suscita o interesse da criança. Dessa forma, devido a seu

papel influente para promover a Conexão com a Natureza, os pais devem demonstrar sua ligação com a natureza através de suas ações e, se possível, propiciar oportunidades de experiência, de contato com a natureza e, assim, transmitir valores, passíveis de fundamentar as escolhas, atitudes e aspirações na vida de seus filhos (GOMES, 1994; LAIRD; MCFARLAND-PIAZZA; ALLEN, 2007; SARRIERA et al., 2012; WINDHORST; WILLIAMS, 2015).

Estudos mostram que a participação em atividades na natureza durante a infância e o exemplo dos pais são essenciais para despertar o interesse infantil pela natureza. Assim, ao cativar a afeição da criança pela natureza, especialmente durante o início da infância, a família pode auxiliar a fortalecer atitudes positivas para com a natureza. A consciência ambiental das crianças se desenvolve a partir das ações dos adultos à sua volta, pelo aprendizado e imitação de seus atos.

As pessoas que apresentam altos níveis de ligação com a natureza, mensuradas por meio de escalas, relatam que possuíam contato íntimo com o mundo natural durante a infância (CHENG; MONROE, 2012; KALS; SCHUMACHER; MONTADA, 1999; LAIRD; MCFARLAND-PIAZZA; ALLEN, 2007; SARRIERA et al., 2012; TAM, 2013; VESELINOVSKA; PETROVSKA; ZIVANOVIC, 2010). Pesquisas realizadas nos Estados Unidos apontam que durante as oportunidades de contato com a natureza, os adultos relevantes chamam a atenção das crianças para o seu entorno de quatro formas diferenciadas: cuidar da terra como um recurso limitado e essencial para a identidade familiar e o bem-estar, a desaprovação das práticas destrutivas, ter prazer em estar na natureza e, fascínio pelos outros seres vivos (D'AMORE, 2015).

Os pais que são mais ligados ou conectados com a natureza, tendem a passar mais tempo em lugares naturais, compartilhando esses momentos com seus filhos. Por sua vez, o convívio com a natureza aumenta a probabilidade das pessoas adotarem comportamentos ambientais responsáveis, principalmente quando essas experiências ocorrem na infância (ERNST; THEIMER, 2011; KALS; SCHUMACHER; MONTADA, 1999). Além disso, a proximidade com a natureza favorece o bem-estar psicológico. Crianças que vivem próximas a natureza lidam melhor com situações adversas e desenvolvem a resiliência, em comparação àquelas que vivem em lugares distantes da natureza (CHENG; MONROE, 2012; WELLS; EVANS, 2003).

Em uma pesquisa realizada com adultos ambientalistas, foi revelado que as razões que os levaram a dedicar-se a causa ambiental foram as experiências

significativas na natureza quando eram crianças e a influência de pessoas modelos em sua educação. Ora, as crianças identificam-se com seus pais, vivenciam o mundo a partir da estruturação elaborada por eles e, assim, internalizam os valores recebidos. Nesse contexto, o lugar – enquanto espaço de vivências - emerge revestido de significativa importância, porque é nele que se desenrola as ações, interações humanas, que contribuem para a apropriação, o apego e, finalmente a identidade (CALEGARE; HIGUCHI, 2013; ROAZZI, 1999).

Todavia, tem se tornado cada vez mais habitual, a restrição dos pais em relação a proporcionar atividades ao ar livre para as crianças. Isso é comum nas grandes cidades, pois a insegurança, o medo da violência, faz com que as pessoas permaneçam em ambientes fechados. Além disso, há que se considerar fatores como a pressão do tempo para os pais e seus filhos, o aumento do tráfego nas cidades e as demandas escolares (SKAR; GUNDERSEN; O'BRIEN, 2016). Assim, as crianças são levadas a brincar em ambientes controlados e, normalmente, a realizar atividades sedentárias, que envolvem o uso de aparelhos tecnológicos e internet (CHRISTENSEN, 2014; PERES, 2017; SKAR; KROGH, 2009). Essa desconexão com a natureza afeta a saúde física e mental e reduz a afinidade da criança com a natureza. Dentro os efeitos negativos da desconexão com a natureza estão: aumento da taxa de transtorno de déficit de atenção, depressão, ansiedade, *stress*, obesidade e dificuldade em lidar com situações adversas (COLLADO; CORRALIZA, 2015; LOUV, 2016; VESELINOVSKA; PETROVSKA; ZIVANOVIC, 2010; WELLS; EVANS, 2003; WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2016).

A família é responsável pela inserção da criança no mundo social, além de proporcionar a formação do alicerce da personalidade e identidade. Nesse sentido, os adultos tornam-se agentes da mediação entre o ambiente e a criança, razão pela qual os pais exercem grande influência na construção da identidade da criança (BERGER; LUCKMANN, 2012; GOMES, 1990, 1992, 1994; SARRIERA et al., 2012; WINDHORST; WILLIAMS, 2015).

Por essa razão, a atenção volta-se para os pais e a necessidade de identificar as experiências vivenciadas na natureza entre pais e filhos. São os pais que estruturam a vida da criança, logo, tornam-se os responsáveis por formar cidadãos

plenos, incluindo a cidadania ambiental<sup>12</sup>, daí a importância em compreender as oportunidades de contato com a natureza que eles oferecem a seus filhos (ERNST; THEIMER, 2011; LAIRD; MCFARLAND-PIAZZA; ALLEN, 2007; WINDHORST; WILLIAMS, 2015).

Costumeiramente, as crianças têm o primeiro contato com a natureza em casa, seja no quintal, pátio ou, ainda, com plantas em vasos e animais domésticos. Posteriormente, quando as crianças se tornam maiores e mais independentes, esse contato se amplia para áreas naturais adjacentes, se houver alguma é claro (LOUV, 2016). A opção por estudar as atividades executadas nos momentos de lazer decorre do fato que o lazer é uma necessidade na vida das pessoas e uma escolha subjetiva. Partindo desse pressuposto, a decisão das atividades a serem praticadas, nesse momento, revelam a proximidade das pessoas com o ambiente escolhido e aspirações que as mesmas possuem (RIBEIRO et al., 2012; SIMONETTI, 2015). Considerando que o lazer funciona como uma válvula de escape às preocupações cotidianas, pretende-se apreender se as atividades que os pais proporcionam aos seus filhos são de contato com a natureza, mesmo considerando uma cidade incrustada na maior floresta do planeta.

O fato de que os valores transmitidos de pais para filhos fundamentarão o comportamento desses futuros adultos (COLLADO; CORRALIZA, 2015), como os pais aqui entrevistados estão favorecendo ou não aos seus filhos e filhas a conexão com a natureza? Para tanto, considerou-se aqui um recorte de modo a incluir a natureza como espaço de atividades lúdicas. Dessa forma buscou-se verificar tanto o tipo de atividades de lazer que estão sendo efetivamente proporcionadas aos filhos, quanto aquelas cujos pais idealizam ou almejaríamos proporcionar.

Participaram desse estudo 58 pais, sendo 25 mulheres (43,1%) e 33 homens (56,9%) residentes na cidade de Manaus-AM. A média da idade dos participantes foi 35 anos de idade (DP: 6,3). Entre os entrevistados 13,8% eram solteiros ou divorciados e 86,2% eram casados ou viviam em união estável. Entre os participantes, 53,4% eram pai/mãe de apenas um filho, 37,9% de dois filhos, 5,2% de 3 filhos e 3,4% de quatro filhos. Os participantes relataram ser de poder aquisitivo relativamente alto para o padrão brasileiro, sendo 12% com renda familiar maior que 15 salários

---

<sup>12</sup> Cidadania Ambiental designa a predisposição de participar de ações cujo objetivo é solucionar os problemas ambientais buscando uma nova ética, pautada na conciliação entre natureza e sociedade (ALVES, 2016).

mínimos, 50% com renda econômica entre 7 e 14 salários mínimos e 37% abaixo de 4 salários mínimos. A escolaridade também se mostra elevada entre os entrevistados, sendo que 26% dos participantes concluíram o Ensino Médio; 43% concluíram o Ensino Superior e 31% concluíram curso de pós-graduação (10,3% especialização, 12,1% mestrado e 8,6% doutorado). Tem-se, portanto uma amostra que se configura com renda média-alta e escolaridade superior.

## **2. Método e Técnicas**

Para esse estudo os participantes responderam a uma entrevista semiestruturada contendo questões fechadas e abertas sobre as vivências lúdicas que como pais tinham com seus filhos durante os momentos de lazer e quais atividades gostariam de realizar. Após transcrição das entrevistas e inserção dos dados numa planilha Excel, as informações qualitativas foram submetidas à análise de conteúdo (BARDIN, 2016; MACIEL; MELO, 2011) para elucidar o conteúdo latente presente e a formulação de categorias. Já os dados quantificáveis foram submetidos à análise estatística por meio do programa SPSS.

## **3. Resultados e discussão**

Os resultados obtidos estão organizados em duas seções, a primeira traz aspectos das atividades efetivamente realizadas e a segunda as atividades que seriam desejadas pelos pais. Em ambos os casos se discute as implicações dessas práticas lúdicas em relação às possibilidades de proximidade e conexão com a natureza.

### **3.1 Atividades de lazer realizadas com os filhos**

As respostas dadas à pergunta que se solicitava a atividade de lazer que costumavam realizar e/ou gostariam de realizar com seus filhos possibilitou emergência de duas categorias de atividades considerando o tipo do espaço: (a) *indoor* e (b) *outdoor*. Cada uma dessas categorias apresentava especificidades que constituíram subcategorias.

### *Atividades de lazer Indoor*

A categoria *Indoor* compreende atividades de lazer realizadas em ambientes fechados seja em lugares privados/familiar ou público. Algumas atividades de ordem espacial *indoor* se caracterizaram a partir de relações estabelecidas entre as pessoas em espaços privados, tais como convívio com pessoas familiares por ocasião de eventos gastronômicos e festivos foram designados atividades *indoor* de âmbito familiar. As seguintes narrativas ilustram tais situações:

“No normal mesmo, todo final de semana, a gente faz um churrasco em casa, arma uma piscina, as meninas tomam um banho, uma coisinha mais família ali.” Pai, 48 anos

“Bom, final de semana eu levo eles, os dois né, tanto a minha esposa quanto ele pra passear né [...] comer uma pizza né, ir no Picanha. Normalmente eu levo assim, um final de semana sim e outro não, para comer uma picanha né, um negócio mais social, uma refeição mais social.” Pai, 36 anos

“Como a minha mãe mora em Manaus e irmãs então, a gente costuma ir visitá-las, principalmente no domingo, almoçar em casa de parente, amigos.” Pai, 32 anos

A casa é um espaço de trocas afetivas entre seus moradores, o que conduz ao sentimento de pertencimento à família. Ademais, esse ambiente é considerado o lugar de vida, das primeiras aprendizagens, de interações sociais, de repouso, de abrigo, espaço simbólico de pertencimento (FISCHER, s/d; HIGUCHI, 2003), da internalização dos signos existentes no entorno e organizados em um sistema simbólico (VYGOTSKY, 1998). Em suma, a casa constitui-se em um espaço pessoal (corresponde ao âmbito mais íntimo, *locus* em que se desenrola a vida familiar e particular), social (por ser um micro-espaço da sociedade devido as relações sociais estabelecidas no local) e cultural (organização do espaço reproduz às concepções da sociedade) (FISCHER, s/d).

Na sociedade brasileira, como em muitas outras, a família possui grande relevância, especialmente pelas relações sociais estabelecidas. Nesse cenário, os parentes revelam-se como pessoas de extrema importância para planejar atividades de lazer, que subsidiam a vida social (FONSECA, 2004, 2005; SERAPIONE, 2005). É interessante observar que muitas vezes esses encontros familiares ocorrem em torno

da mesa, demonstrando que se trata de uma atividade social que envolve outras pessoas, momento de encontro que cria e fortalece os laços de sociabilidade (GARCIA, 1994; ROMANELLI, 2006). A falta de entes familiares na cidade foi apontada como um aspecto que leva as pessoas a diminuir as atividades de lazer, conforme o excerto abaixo:

“A gente não tem família em Manaus então, a gente acaba ficando muito caseiro mesmo, quando você tem família eu acho que um puxa o outro né?” Pai, 44 anos

Também configuram atividades *indoor* aquelas que ocorrem numa determinada instituição, aqui designada atividade *indoor* de âmbito público que configura espaço organizado para o esporte, brincadeiras e centros comerciais como shoppings ou clubes de diversão. Os seguintes trechos mostram tais situações:

“Idas a shoppings centers, basicamente isso, quando eu saio com eles é isso. Pela questão do clima, dentro desses locais não faz tanto calor, questão de segurança e nesses locais tem coisa para eles fazerem né, para eles brincarem.” Pai, 39 anos

“É mais isso, com ele é lazer é futebol, eu jogo futebol então, ele vai me ver jogar e eu vou ver ele jogar.” Pai, 31 anos

Essas respostas exprimem o desejo de sair de casa, da rotina, para fazer alguma atividade diferenciada. A opção pelo shopping é justificada por ser um ambiente climatizado e seguro. A busca por espaços considerados seguros e climatizados repetiu-se como justificativa em muitas entrevistas, devido as especificidades da cidade de Manaus, que possui temperaturas elevadas e, como qualquer metrópole brasileira, é marcada pela desigualdade social, o que se manifesta nos níveis significativos de violência urbana.

#### *Atividades de lazer Outdoor*

A categoria *Outdoor* designa as atividades realizadas em ambientes abertos, seja em ambientes abertos com predominância de aparelhos construídos, aqui denominadas de âmbito construído, onde o interesse ocorre de forma direta com a atividade específica que se pode realizar com tais aparatos. Também configura como

atividades *outdoor* aqueles realizadas em lugares com predominância da natureza, portanto designadas de âmbito natural, onde o interesse se volta de forma indiferenciada à paisagem, porém o foco principal é estar em contato com a natureza.

“Eu gosto mais de explorar esses espaços públicos, de praça, aqui a Cidade da Criança que a gente vai com uma certa frequência. Então, eu acho que é mais, eu prefiro ir por essa *vibe* do público né, porque eles explorem, porque lá tem lugar para brincar, eu prefiro essa coisa que movimento o corpo do que ficar sentado.” Mãe, 33 anos

“Bosque da Ciência e Cidade da Criança [...]eu vejo que ele gosta bastante, nós moramos em apartamento, não tem quintal, então eu acho importante ele ficar ao ar livre, entendeu? E, então eu levo ele todo fim de semana, todo fim de semana a gente leva ele para um desses lugares ou pros dois, entendeu? E eu vejo que ele gosta muito, ele fica, ele saí correndo, ele gasta energia, ele gosta [...] eu acho, que ele tem que tomar sol, tem que ver a árvore, ver bicho, conhecer, ter contato com o ambiente natural.” Mãe, 38 anos

Nas narrativas apresentadas observa-se que as participantes frequentam um lugar em comum, o Parque Cidade da Criança (Minicidade envolta por árvores de grande porte), uma vez que são poucas as opções disponíveis. A justificativa se assemelha em relação ao interesse, que ambas possuem, para que os filhos possam sair da casa a fim de explorar o ambiente. Entretanto, no segundo excerto está expresso um outro aspecto, a busca pelo contato com a natureza. Pesquisas revelam que quando os pais ou, outros membros da família, demonstram interesse pela natureza as crianças apropriam-se desse interesse, o que resulta no aumento do bem-estar e a consciência sobre as questões ambientais (JAMIESON, 2015; LOUV, 2016).

Estudos comprovam que a desconexão com a natureza afeta, negativamente, a saúde física e mental das pessoas. Isso decorre dos efeitos da falta de oportunidade para o restauro psicológico, proporcionado pelos ambientes naturais. Estes são os melhores lugares para recuperar a capacidade de atenção e alcançar o efetivo funcionamento psicológico (CHRISTENSEN, 2014; COLLADO; CORRALIZA, 2015; LOUV, 2016; WELLS; EVANS, 2003).

Procurando entender como tais categorias de oferta de atividades de lazer para os filhos se distribui entre os pais entrevistados, constatou-se que atividade *outdoor* em âmbito construído é ofertada por 67% dos pais aos seus filhos, enquanto a *outdoor* natural é proporcionada por 40% dos pais. Já, a atividade *indoor* em âmbito público é

proporcionada por 52% dos pais e *indoors* em âmbito familiar é ofertada por 31% dos pais para seus filhos (Tabela 5).

**Tabela 5:** Tipo de atividades de lazer proporcionadas aos filhos

<b>Lugar</b>	<b>Âmbito da atividade</b>	<b>Total%</b>
<b><i>Indoor</i></b>	Familiar	31
	Público	52
<b><i>Outdoor</i></b>	Construído	67
	Natural	40

Observa-se, portanto que entre as inúmeras oportunidades de escolha de opções de lazer, os pais proporcionam relativamente mais atividades *outdoor*. O que pode ser justificado pelas características da região geográfica em que a cidade está inserida, especialmente a temperatura elevada e por proporcionar um ambiente diferenciado, a possibilidade de sair da rotina. No entanto, a maior parte (67%) das atividades *outdoors* citadas são realizadas em âmbitos construídos (AC), com interesse físico-esportivo e de relação social.

Por sua vez, as ações realizadas no âmbito natural (AN) foram apontadas por 40% dos pais, as quais contemplam atividades de interesses turísticos, isto é, a busca por um ambiente diferente do que lhes é familiar, com paisagens diferenciadas, novas situações. Tais atividades ocorrem em diversos lugares da cidade como no calçadão da praia (Ponta Negra), no parque verde (Bosque da Ciência; Cidade Criança), no banho de rio, cachoeiras, balneários, zoológico, revelam um contato maior com a natureza, o que pode ser justificado pela localização de Manaus, construída às margens do Rio Negro e banhada por igarapés (riachos/córregos) (OLIVEIRA, 2008) (Figura 3).

**Figura 3:** Lugares cuja atividade de lazer *outdoor* são mais realizadas



A diminuição de experiências em contato com a natureza também foi observada em estudos realizados na Noruega. A vida em contato com a natureza é uma característica cultural dos noruegueses. Entretanto, contemporaneamente observa-se que apesar da facilidade de acesso à natureza, mesmo em áreas urbanas, isso tem deixado de fazer parte da rotina das crianças. Os motivos elencados para essa redução do contato com a natureza são: aumento do tráfego de veículos, enfraquecimento de vínculos entre vizinhos e redes sociais mais amplas, disponibilidade de tempo e insegurança (SKAR; GUNDERSEN; O'BRIEN, 2016; SKAR; KROGH, 2009).

Tais justificativas, algumas também apontadas pelos pais entrevistados, desvelam que os mudanças ocorridas na organização social da vida cotidiana promovem implicações no ambiente físico em que as crianças atuam, assim como na compreensão e conexão dessas crianças com a natureza (SKAR; GUNDERSEN; O'BRIEN, 2016; SKAR; KROGH, 2009).

No tocante ao lazer realizado em ambiente *indoor*, nota-se predominância de atividades no âmbito público (AP) em relação ao âmbito familiar (AF). O âmbito público foi aqui considerado como espaços abertos a quaisquer pessoas, porém parcelados em função do acesso da população com maior poder aquisitivo. Nessa subcategoria foi alocado o *shopping center*, cinema, parques de diversão e esporte. Nesse âmbito, destacou-se o *shopping* como o lugar onde as atividades de lazer são mais praticadas entre os participantes (Figura 4).

**Figura 4:** Lugares cujas atividades de lazer *indoor* são mais realizadas



A opção pelo *shopping*, de acordo com os participantes, é decorrente da falta de opções de parques públicos para atividades de lazer e pela violência urbana, em consonância com o que foi retratado por Simonetti (2015). É possível inferir, também, o interesse em visitar ambientes dentro da própria cidade, especialmente, um lugar que facilita o controle sob os filhos, conforme excerto abaixo:

“Shopping [...] eu fico tranquilo, ele não corre muito, é um ambiente controlado a verdade é essa, a gente procura coisas que a gente pode controlar [...] é mais cômodo pra mim ter a praticidade para controlar ele.” Pai, 34 anos

As escolhas por atividades de lazer realizadas em domínio familiar, por outro lado, se apoiam no uso de mídias, como televisão, videogame. No âmbito familiar também foi citada atividades com interesse social, como visitar parentes e amigos. Tais atividades emergem como alternativa à falta de opções de espaços públicos e pela situação temporal-social, isto é, a dificuldade de deslocamento para áreas mais próximas da natureza.

Apesar de contar com transporte público, muitas vezes, para ir de um lugar a outro é necessário utilizar duas linhas de ônibus, o que acaba tornando o lugar de difícil acesso. Todavia, o mesmo trecho se realizado com transporte particular é feito em tempo reduzido. Outro aspecto mencionado, em relação ao deslocamento, foi a falta de informação sobre trajeto de linhas de ônibus, o que se torna um empecilho para incluir espaços do âmbito natural e/ou âmbito construído nas atividades de lazer praticadas com os filhos, conforme trechos abaixo:

“Ir numa praça, passear no caso assim em praças, locais mais públicos tudinho que tem mais espaço pra criança. Próximo onde eu moro não existe, não tem perto esse ambiente é um pouquinho distante.” Pai, 42 anos

“É principalmente praias, balneário é muito distante, Ponta Negra não dá. A acessibilidade pra lá é complicado.” Pai 32 anos

Foi possível observar que alguns participantes restringem suas atividades de lazer, seja pela falta de tempo, de oportunidades ou conhecimento e, também, pela falta de opções de espaços públicos a alguns âmbitos, elencados como subcategorias nesse estudo. Observou-se que entre os participantes nenhum relatou praticar as quatro subcategorias de atividade de lazer elencadas – âmbito familiar, âmbito público, âmbito construído, âmbito natural. Entre os participantes, 27,6% realiza apenas um tipo de atividade; a maior parte dos participantes (55,2%) realiza dois tipos diferentes de atividades de lazer, a minoria (17,2%) pratica três atividades de lazer em espaços diferenciados (Tabela 6).

**Tabela 6:** Âmbito de atividades de lazer realizadas pelos pais e mães

Âmbitos das atividades de lazer realizadas	Gênero		Total	Total %	% da quantidade âmbitos
	Masculino	Feminino			
AF	0	2	2	3,4	27,6
AP	4	0	4	6,9	
AC	4	3	7	12,1	
AN	1	2	3	5,2	
AC/AF	2	1	3	5,2	55,2
AC/AN	5	3	8	13,8	
AC/AP	6	6	12	20,7	
AF/AN	2	2	4	6,9	
AF/AP	2	1	3	5,2	
AN/AP	1	1	2	3,4	
AC/AF/AN	1	0	1	1,7	17,2
AC/AF/AP	4	0	4	6,9	
AC/AN/AP	0	4	4	6,9	
AF/AN/AP	1	0	1	1,7	
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>25</b>	<b>58</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Em relação à prática das subcategorias de atividades de lazer vê-se que 27,6% dos pais admitem fazer apenas um tipo. Observa-se que entre os homens não há referência ao âmbito familiar (AF), somente as mulheres citaram ofertar atividades nesse âmbito aos seus filhos (3,4%). Por sua vez, os homens costumam frequentar mais o âmbito público (AP) (6,9%), atividade que não foi mencionada pelas mulheres. O âmbito natural (AN) foi mencionado três vezes já, o âmbito construído (AC) foi o mais citado entre homens e mulheres (12,1%).

Com dois tipos de atividades encontramos 55,2% dos pais. Considerando atividades *Indoor*, há um valor expressivo de pais (20,7%) que frequentam tanto ambientes do âmbito construído (AC) quanto do âmbito público (AP); outros frequentam tanto o âmbito natural (AN) como o âmbito construído (AC) (13,8%). Finalmente, dentre os pais que relataram realizar três das subcategorias das atividades de lazer (17,2%), a maior taxa foi de 6,9% para homens e mulheres, mas em atividades diferenciadas, os homens frequentam o âmbito construído, familiar e público (AC/AF/AP), excetuando, portanto, a natureza. Já, as mulheres escolhem o âmbito construído, natural e público (AC/AN/AP), incluindo, portanto, a natureza.

### **3.2 Atividades de lazer almeçadas/desejadas aos filhos**

A realidade impõe a qualquer indivíduo dimensões possíveis de serem efetivamente postas em prática e dimensões que se restringem às expectativas, desejos ou até sonhos que se querem tornar tangíveis. Nesse sentido, os pais mostram práticas que comumente são realizadas no dia-a-dia, alguns satisfeitos por isso, outros nem tanto. Muitos desses pais, no entanto, expressam que muito do que fazem poderia ser diferente se houvesse uma reorganização de diversos fatores. Nessa reconfiguração, algumas atividades sofreriam mudança para um ideal almejado sobre as atividades de lazer que proporcionam aos filhos.

Com base no que foi respondido pelos participantes em relação à atividade de lazer que os pais gostariam de fazer, mas não conseguem, foram adotadas as mesmas grandes categorias, *indoor* (16%) e *outdoor* (84%), uma vez que as narrativas possibilitaram tais categorias. Considerando as peculiaridades das informações recebidas, manteve-se as mesmas subcategorias usadas para analisar as atividades de lazer efetivamente realizadas. Constatou-se que atividade *outdoor* em âmbito construído é desejada por 62% dos pais aos seus filhos, enquanto a *outdoor* natural

é desejada por 47% dos pais. Já, a atividade *indoor* em âmbito público é desejada por 19% dos pais e *indoors* em âmbito familiar é desejada por 3% dos pais para seus filhos (Tabela 7).

**Tabela 7:** Tipos de atividades de lazer que os pais desejariam realizar com os filhos

Lugar	Âmbito da atividade	Total %
<i>Indoor</i>	Familiar	3
	Público	19
<i>Outdoor</i>	Construído	62
	Natural	47

#### *Atividades Indoor*

A categoria *Indoor* refere-se às atividades de lazer realizadas em ambientes fechados, incluindo atividades centradas no âmbito do lar, com pessoas da rede familiar (âmbito familiar) e atividades realizadas em instituições com objetivos definidos, como atividades físico-esportivo e atividades de interesse artístico (âmbito público).

“Ter um pouco de tempo para assistir televisão com eles.” Pai, 24 anos

“Esse ano eu quero fazer esses programas que eles conheçam os museus, eu tenho sempre conversado com eles sobre o que eu tenho lido, sobre os pintores, sobre a história da arte. É, esse ano eu também quero que eles façam um curso de arte visuais.” Mãe, 33 anos.

O primeiro excerto revela o desejo do pai em passar mais tempo com a família, fazendo uma atividade que não demande esforço físico ou deslocamento, tais escolhas são justificadas pelas atribulações da vida cotidiana. No segundo trecho está latente o desejo por conhecer as manifestações artísticas da humanidade, porém a

dificuldade está na falta de opções para esse tipo e programa na cidade de Manaus (Figura 5).

**Figura 5:** Atividades de lazer desejadas aos filhos



#### *Atividades outdoor*

A categoria *Outdoor* refere-se as atividades realizadas em ambientes abertos, seja para praticar uma ação específica, como a prática de esporte, recreação, por exemplo (âmbito construído). Também foi mencionado o desejo por atividades de lazer realizadas de forma direta ou indireta com a natureza (âmbito natural):

“Acho que o que eu gostaria era ir mais a praças públicas porque tem poucas praças com boas manutenções. Então, se eu quero ir a algum espaço público com ele, é mais ou menos essas opções que eu tenho, ou vou no Bosque da Ciência, que tem o perfil mais de contemplação do que atividade de brincadeira né. Então, nem sempre é muito legal, tenho a Ponta Negra que é muito longe[...], então é quarenta minuto para chegar na Ponta Negra, e aí o clima não ajuda. Então, você tem que chegar lá muito cedo e ir embora cedo, porque deu nove horas num dia de sol você já não consegue ficar mais, com criança.” Pai, 32 anos

“Ele tem muita vontade de sair de barco para pescar comigo, só que eu não tenho levado ainda não porque eu acho que ele é muito novo, ele não ia aguentar também ficar o dia inteiro no sol pescando então, ele precisa amadurecer um pouquinho mais, mas é mais nesse sentido.” Pai, 44 anos

Observa-se que em relação as atividades de lazer realizadas e as atividades de lazer almejadas há um aumento no interesse de aproximação com a natureza (Tabela 8).

**Tabela 8:** Frequência das atividades realizadas e desejadas pelos pais

Lugar	Âmbito da atividade	Realizada %	Desejada %
<i>Indoor</i>	Familiar	31	3
	Público	52	19
<i>Outdoor</i>	Construído	67	62
	Natural	40	47

As atividades *outdoors* no âmbito construído são citadas pela maioria dos pais, e assim se mantém como desejo, embora com leve diminuição. Já, as atividades *indoors* de âmbito público como *shoppings* são proporcionadas por mais da metade dos pais, porém há um desejo considerável de diminuir tal tipo de experiência. Por sua vez, a atividade *indoor* de âmbito familiar tem sido apontada como lazer por uma pequena parte dos pais, porém estes reconhecem em seu desejo, que gostariam de reduzi-las substancialmente para esse fim.

Embora a natureza seja um espaço ubíquo aos habitantes da cidade de Manaus, ela não é escolha prioritária entre os pais para o lazer dos filhos, e assim se mantém como desejo. Alguns pais admitem, no entanto, que gostariam de intensificar, mesmo que levemente, as atividades de contato com a natureza com os filhos. O anseio de proximidade com o ambiente natural está associado ao desejo de errância, isto é, a vontade de se deslocar e explorar o desconhecido, a busca por um espaço de liberdade (FISCHER, s/d).

É válido ressaltar que apesar dos benefícios advindos desse contato, observa-se que cada vez mais o ser humano tem diminuído as oportunidades de contato com a natureza. Muito disso não se realiza efetivamente em função da falta de tempo, das distâncias às áreas de natureza, da falta de mobilidade e transporte aos parques verdes urbanos e a falta de segurança. Além disso, a cidade oferece poucos espaços estruturados para esse tipo de lazer em contato com a natureza. Tais barreiras parecem tomar conta do ideário parental, que mesmo em planejamento ideal, um maior contato com a natureza está fora do desejo de boa parcela dos pais. Esses

obstáculos mencionados também são percebidos em estudos realizados em outros lugares, como na Noruega, Inglaterra, Estados Unidos e Oceania (SKAR; GUNDERSEN; O'BRIEN, 2016; SKAR; KROGH, 2009).

Os pais têm a potencialidade de estimular e fortalecer as experiências na natureza (LOUV, 2016; PERES, 2017). Logo, suas preocupações com a segurança impactam diretamente no tipo de atividade de lazer proporcionada a seus filhos. O que justifica o elevado percentual de atividades *outdoor* em âmbito construído.

## CONEXÃO COM A NATUREZA E COMPORTAMENTO AMBIENTAL

*“Pare e escute.  
A natureza é o grande ensinamento.  
Viva com simplicidade”.*

(Takashi Amano, 2015)

### 1. Pressupostos teóricos sobre a Conexão com a Natureza

Estudos mostram que os seres humanos possuem uma necessidade inata, um desejo inerente de conectar-se com o mundo natural e outras formas de vida. Essa necessidade é ponto central na hipótese da biofilia - atração humana pela natureza (LAIRD; MCFARLAND-PIAZZA; ALLEN, 2007; NISBET; ZELENSKI; MURPHY, 2008; ULRICH, 1993; WILSON, 1984). Entretanto alguns estudiosos consideram que isso não é suficiente, pois é preciso experiências, vivências significativas com a natureza para efetivar a biofilia (JOYE; VAN DEN BERG, 2011; KAHN; KELLERT, 2002; KALS; SCHUMACHER; MONTADA, 1999). Destaca-se a importância da afetividade, das vivências sensoriais e emocionais com esse mundo natural, ou seja, a biofilia também poderia ser moldada pela cultura, apesar de ser inato (CAPALDI; DOPKO; ZELENSKI, 2014; TAM, 2013). Autores sugerem o nome Conexão com a Natureza (CN) para designar a ligação emocional das pessoas com a natureza. Assim, quanto maior a conexão, maior a probabilidade de as pessoas assumirem um compromisso de cuidar e preservar a natureza (FRANTZ; MAYER, 2014; MAYER; FRANTZ, 2004; NISBET; ZELENSKI, 2013; NISBET; ZELENSKI; MURPHY, 2008; SCHULTZ, 2001, 2009).

A CN é considerada como uma ligação parcialmente inata e parcialmente mutável, por isso, pode causar implicações tanto nos comportamentos quanto nas atitudes das pessoas (MAYER; FRANTZ, 2004; NISBET; ZELENSKI; MURPHY, 2008; SCHULTZ et al., 2004). Na literatura acadêmica o conceito de CN tem sido muito debatido, sendo que ora é remetido a uma ligação cognitiva, ora a uma ligação afetiva, ora considerado como uma mensuração cognitiva de interesse sobre a natureza ou, ainda, como um relacionamento físico, afetivo e cognitivo dos indivíduos com o mundo natural.

### *Conexão como ligação cognitiva*

A crença sobre o quanto uma pessoa faz parte do mundo natural fundamenta a forma de preocupação que a mesma desenvolverá e os tipos de situação que a motivará a agir, visto que as crenças originam os valores, que regulam o sistema de organização para atitudes, determinando-a. Nesse sentido, diferentes valores estão atrelados a atitudes distintas, diante dos problemas ambientais.

Partindo do pressuposto de que os valores são fontes de preocupações e comportamentos ambientais, Schultz (2001, 2004) os classifica da seguinte forma: *egoístas/egocêntricas*, quando os valores estão focados em si mesmo e orientado para ganhos pessoais (por exemplo: sucesso, poder). Por sua vez, os valores *altruístas* aludem a preocupação com o outro (tais como, amigos, família, sociedade). Por fim, os valores *biosféricos* ressaltam a preocupação com o bem-estar de todos os seres vivos (plantas, animais, seres humanos). Cada um desses valores pode induzir à preocupações com as questões ambientais e auxiliar na construção de comportamento pró-ambiental (SCHULTZ; TABANICO, 2007; SCHULTZ, 2001; SCHULTZ et al., 2004).

As pessoas que se caracterizam pelos valores egoístas/egocêntricos, sentem-se superiores à natureza, isentas de qualquer responsabilidade para com ela. O oposto é o indivíduo que se percebe como parte da natureza, assim como animais e plantas, a esse vínculo a literatura denomina como grau de conexão com a natureza. Desse modo, um elemento chave para a proximidade interpessoal é a cognição, ou seja, a sobreposição de estruturas de conhecimento de si e do outro. Assim, quanto mais estreita a ligação, mais aspectos do outro são incluídos em si. Outro fator relevante, de caráter afetivo, para a conexão com a natureza é a empatia – isto é, as respostas de um indivíduo diante das experiências do outro - que pode aumentar a motivação para proteção da natureza (SCHULTZ; TABANICO, 2007; SCHULTZ, 2001).

A conexão (vínculo) é uma variável psicológica, que pode ser mensurada a partir da Escala de Inclusão da Natureza no *Self - Inclusion of Nature in Self*, INS<sup>13</sup> (SCHULTZ, 2001). A INS consiste em uma série de sete círculos sobrepostos,

---

<sup>13</sup> A Escala de Inclusão da Natureza no Self de Schultz (2001) foi adaptada da Escala de Inclusão do Outro em Si, de Aron (ARON; ARON; SMOLLAN, 1992).

marcados com a inscrição “Eu” e “Natureza”, para cada item o participante deve circular a imagem que melhor descreve o seu relacionamento com o mundo natural. A pontuação varia de 1 (círculos se tocam, porém não se sobrepõem) a 7 (círculos praticamente sobrepostos). Apesar de obter resultados considerados motivadores, Schultz (2004) considera que a escala INS é insuficiente para apreender a conexão, pois esse sentimento de ligação pode não ser consciente, isto é, compreendido como uma crença estruturada.

Destarte, Schultz recorrerá aos estudos de Greenwald e seus colegas (GREENWALD; MCGHEE; SCHWARTZ, 1998), cuja escala não exige a consciência de ligação ou, conexão, pois as atitudes implícitas são automáticas e capazes de influenciar decisões e ações sem consciência. O Teste de Associação Implícita (*Implicit Association Test*, IAT) mensura as associações automáticas de conceito. Além disso, pode ser usado como uma medida indireta de autoestima e contribuir para compreender a identidade social de um indivíduo. O uso do IAT possibilita apreender as conexões implícitas com a natureza, o que auxilia na compreensão das atitudes ambientais.

Em suma, a CN refere-se à sensação de um indivíduo de pertencimento à natureza. O menor grau de CN manifesta-se na redução do tempo de atividades ao ar livre na natureza, o que promove mudanças nos valores sociais. Permanecer longos períodos em ambientes construídos (aqueles onde os humanos produziram maior intervenção, como cidades ou campos agrícolas) conduz a desejos mais focados em si mesmo - como fama, riqueza, etc. - valores tão exaltados pela sociedade ocidental. Entretanto, são esses valores egoístas que, precisamente, conduzem a depreciação da natureza (SCHULTZ, 2009).

#### *Conexão como ligação afetiva*

Mayer & Frantz (2004) discordam de Schultz (2001), pois não consideram que o aspecto cognitivo subjaz a CN, mas sim a experiência afetiva e individual de pertença ao mundo natural. Nesse sentido, mensurar o sentido afetivo dessa conexão torna-se importante para conduzir ao comportamento ecológico. É importante ressaltar que Mayer & Frantz coadunam com o pensamento do filósofo ambiental

Leopold (1970), acerca de que a Terra é a comunidade a qual todos os seres vivos pertencem.

Como resultado do processo de industrialização e urbanização, as pessoas tendem a permanecer em ambientes fechados por mais tempo, seja a trabalho ou lazer. Nesse sentido, caso não se sintam conectadas à natureza, as pessoas podem ser propensas a agir de forma que intensifique a crise ambiental - aumentando o consumismo, realizando descarte incorreto de resíduos sólidos, desperdiçando recursos naturais. Entretanto, a partir do momento em que as pessoas estabelecem uma conexão com a natureza, elas tornam-se menos suscetíveis de manter atitudes que impactam o meio natural, pois ao fazê-lo estaria afetando a si mesmo (MAYER; FRANTZ, 2004).

Dessa forma, as autoras postulam que a CN conduz a preocupação com a mesma, revela valores biosféricos, comportamento ecológico, anticonsumismo, possibilita a identificação como ambientalista, além de promover o bem-estar subjetivo. As pessoas que se sentem conectadas à natureza, passam períodos em contato com o mundo natural, o que diminui o comportamento e humor negativo (agressão, ansiedade) e aumenta o humor positivo (afeto, saúde). Em suma, estar em contato com a natureza proporciona resultados agradáveis (FRANTZ; MAYER, 2014; MAYER; FRANTZ, 2004).

A escala desenvolvida por Mayer & Frantz se propôs a operacionalizar a visão de Leopold (1970) sobre a ligação com o mundo natural. Assim, tenciona apreender o sentido afetivo da conexão com a natureza, através de perguntas sobre sentimentos, afinidade com plantas e animais, sensação de unidade com o mundo natural e percepção de seu bem-estar em relação ao bem-estar do mundo natural. A Escala constitui-se em 14 itens, com respostas que variam de 1 (discordo plenamente) a 5 (concordo plenamente); altas pontuações denotam maior conexão com a natureza. Pesquisas desenvolvidas pelas autoras demonstram que a escala é uma ferramenta, confiável e válida, para investigar fatores que podem aumentar ou diminuir a sensação de conexão com a natureza, fator importante para a melhoria das condições ambientais (FRANTZ et al., 2005; MAYER; FRANTZ, 2004). A Escala foi validada e adaptada no Brasil, porém para melhor se adequar a realidade nacional, o item 14 foi suprimido (PESSOA et al., 2016; ROSA, 2014).

De acordo com o que foi exposto, fica claro que para Frantz & Mayer (2004), a

escala desenvolvida é eficaz para mensurar a conexão de um indivíduo com a natureza. Entretanto, Perrin & Benassi (2009) consideram que as autoras mencionadas, em seus estudos não exploram o aspecto emocional da conexão - como pressupõem pois, os termos empregados, na escala, revelam uma perspectiva cognitiva e não emocional. O verbo “sentir” designa a experiência de uma sensação física, a consciência de uma condição, isto é, não possui significado de estado emocional, mas sim, de uma avaliação cognitiva.

Por considerar que a definição de sentir está embasada na atividade cognitiva, Perrin & Benassi (2009) argumentam que o mais adequado, é referir-se à mensuração de crenças, ou de interesse cognitivo, na escala desenvolvida por Frantz & Mayer.

### *Conexão como relacionamento físico, afetivo e cognitivo*

Ainda no debate teórico, Nisbet, Zelensky e Murphy (2009) consideram que os conceitos de CN desenvolvidos por Schultz (2001) e Mayer & Frantz (2004) apresentam lacunas. Isso porque as escalas mencionadas pretendem mensurar a sensação de inclusão ou proximidade com a natureza no âmbito cognitivo ou emocional, desconsiderando o aspecto físico, característico da relação pessoa-ambiente e elemento central para a conexão com a natureza. Dessa forma, a Escala de Ligação com a Natureza (ELN)<sup>14</sup> visa descrever níveis individuais de conexão com a natureza e avaliar a relação física, cognitiva e afetiva que os indivíduos estabelecem com o mundo natural, através de um questionário do tipo *Likert*, composto por 21 itens (NISBET; ZELENSKI; MURPHY, 2008).

O conceito de Ligação com a Natureza (LN) engloba o apreço e o entendimento que as pessoas possuem acerca da interconexão com todas as outras formas de vida na Terra. Não se trata apenas de averiguar o interesse pela natureza ou o bem-estar por ela proporcionado, mas compreender a importância de todos os aspectos da natureza, mesmo aqueles que não são agradáveis para a percepção humana, como os animais peçonhentos (NISBET; ZELENSKI; MURPHY, 2008).

A hipótese da biofilia, atração humana pela natureza, materializa-se no desejo que as pessoas sentem pelas atividades ao ar livre, pelas visitas a parques e/ou áreas verdes, pelas idas ao zoológico ou na relação com os animais. Tais práticas

---

<sup>14</sup> Nature Relatedness (NR).

proporcionam, além do bem-estar físico e emocional, autonomia, crescimento pessoal e propósito de vida. Por essa razão, a Escala de Ligação com a Natureza (ELN) é compreendida como uma extensão da hipótese da biofilia, pois auxilia a compreender nossa conexão e as consequências da desconexão com a natureza (HOWELL et al., 2011; NISBET; ZELENSKI, 2013; NISBET; ZELENSKI; MURPHY, 2008; ZELENSKI; NISBET, 2014).

Deste modo, considerando a biofilia, infere-se que um forte senso de conexão com a natureza prediz a felicidade e bem-estar de forma mais ampla. Apesar desses benefícios e da atração que a natureza exerce sobre as pessoas, há diferenças no modo como elas conectam-se à natureza. Considerando que as pessoas se relacionam de forma diferente com o ambiente, a Escala de Ligação com a Natureza (ELN) revelou-se útil para apreender as peculiaridades do comportamento ambiental e bem-estar (NISBET; ZELENSKI, 2013).

Por verificar diferentes aspectos – cognitivo, afetivo e físico - a ELN demonstra que uma estrutura com três fatores é viável, além de ser intercorrelacionada, tornando-a uma escala multidimensional (TAM, 2013). Outro diferencial presente na ELN é a capacidade de prever indicadores de bem-estar, o que a torna uma ferramenta relevante para promover comportamentos em consonância com a sustentabilidade ambiental. Em pesquisas realizadas, a ELN revelou-se internamente consistente, temporalmente estável e capaz de correlacionar o tempo passado na natureza com medidas de atitudes e comportamentos ambientais, confirmando sua validade (NISBET; ZELENSKI, 2013; NISBET; ZELENSKI; MURPHY, 2008; TAM, 2013).

Como foi explanado, a CN oferece benefícios tanto para a saúde humana como do ambiente. Por essa razão, a ELN tem sido amplamente empregada em estudos acerca da sustentabilidade e bem-estar pessoal. Como a medida original contendo 21 itens, muito usada nas pesquisas, se revelou inadequada para alguns contextos – devido ao tamanho da escala e o tempo necessário para aplicação - as autoras, Nisbet & Zelenski (2013) desenvolveram uma versão reduzida da ELN.

Para elaborar a nova versão, as autoras selecionaram 6 itens<sup>15</sup>, dentre os 21, que representavam os fundamentos teóricos do construto de Ligação com a Natureza. A Escala reduzida (NR-6) possui alta correlação com a escala completa de 21 itens,

---

<sup>15</sup> Para tanto, as pesquisadoras empregaram critérios de correlações com itens individuais de outras escalas, que mensuram atitudes ambientais e bem-estar subjetivo.

e manteve a confiabilidade e validade. Por essa razão, a escala NR-6 tem sido eficaz para pesquisas onde o tempo e/ou espaço são limitados (NISBET; ZELENSKI, 2013; ZELENSKI; NISBET, 2014).

As pesquisadoras constataram uma intrínseca relação entre maior conexão com a natureza, aumento da consciência das próprias ações e preocupação com todos os seres vivos. O que reflete em atitudes biosféricas, em detrimento as preocupações egoístas (NISBET; ZELENSKI, 2013; ZELENSKI; NISBET, 2014). Estudos revelam que pessoas que possuem forte ligação com a natureza relatam maior satisfação de vida, vitalidade, concentração, afeto positivo, objetivos de vida, autonomia e crescimento pessoal (HOWELL et al., 2011; MAYER; FRANTZ, 2004; TAM, 2013; ZELENSKI; NISBET, 2014).

A partir desses aspectos referentes ao conceito e medidas sobre CN, esse estudo teve como objetivo identificar comportamentos que marcam os pais/mães sobre sua conexão com a natureza. Parte-se do pressuposto de que esse vínculo dos pais/mães pode implicar condutas de proximidade com a natureza nas atividades proporcionadas aos seus filhos.

A natureza é exuberante na região amazônica, mesmo que nas cidades essa natureza se mostre pouco saliente no perímetro urbano, mas ela está implicitamente presente e relativamente próxima das cidades. A cidade de Manaus é conhecida por estar incrustada na maior floresta tropical do mundo, a natureza é ubíqua a seus moradores. Entretanto, será que essa proximidade com a natureza indica conexão com ela? Qual o grau de conexão com a natureza entre os pais entrevistados? Esses questionamentos direcionaram o presente estudo.

## **2. Métodos e técnicas**

Nesse estudo foi aplicado um formulário contendo dados sociodemográficos e quatro Escalas Sociais: a) Escala de Inclusão da Natureza no *Self* (SCHULTZ, 2001); b) Escala de Conexão com a Natureza (FRANTZ et al., 2005; MAYER; FRANTZ, 2004); c) Escala de Ligação com a Natureza reduzida (NR 6) (NISBET; ZELENSKY, 2014) e, d) a Escala de Comportamento Ambiental, desenvolvida nesse estudo.

As Escalas Sociais são instrumentos elaborados com o intuito de mensurar as atitudes e opiniões das pessoas de forma mais objetiva. Ainda que as escalas sejam construídas sob diferentes formas, fundamentam-se em solicitar ao participante que

assinale, a partir de uma sequência de itens, àqueles que melhor correspondem à sua opinião acerca do que lhe é indagado (GIL, 1999). A Escala do tipo *Likert* é muito utilizada em pesquisas sobre opiniões, avaliações e atitudes; nesse tipo de escala, o respondente expressa sua posição em uma escala de, normalmente, cinco alternativas (GÜNTHER, 2008), que variam de discordo plenamente a concordo plenamente.

A Escala de Conexão com a Natureza desenvolvida por Frantz e Mayer (FRANTZ et al., 2005; MAYER; FRANTZ, 2004); a Escala de Ligação com a Natureza, tanto na versão completa como a reduzida (NR 6), proposta por Nisbet e Zelensky (2013, 2014) e a Escala de Comportamento Ambiental - desenvolvida para esse estudo, para averiguar o comportamento que marca a relação com a natureza, contém itens de ações em relação ao ambiente natural - configuram-se como escalas do tipo *Likert*. Já a Escala de Inclusão da Natureza no *Self* (SCHULTZ, 2001) possui apenas um item, constituído por sete diagramas de círculos, representando 'eu' e a 'natureza', em um *score* que vai de um (círculos se tocam, porém não se sobrepõem) a sete (círculos praticamente sobrepostos).

A Escala de Inclusão da Natureza no *Self* (SCHULTZ, 2001) foi submetida a análise descritiva simples. Por sua vez, as escalas de Conexão com a Natureza (FRANTZ et al., 2005; MAYER; FRANTZ, 2004), a Escala de Ligação com a Natureza - NR6 (Nisbet; Zelensky, 2013, 2014) e a Escala de Comportamento Ambiental, foram examinadas a partir da análise descritiva simples e inferencial. A análise fatorial exploratória (AFE) foi empregada somente quando os índices estatísticos apontaram fatorabilidade.

O primeiro passo para a realização da AFE é verificar se a matriz de dados é passível de fatoração, ou seja, examinar se os dados podem ou não ser submetidos a análise fatorial (DAMÁSIO, 2012; HAIR et al., 2009). Para tanto, foi empregado o Índice de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o Teste de Esfericidade de Bartlett.

O índice de KMO, ou índice de adequação da amostra, revela se a AFE é adequada ou não para o conjunto de dados, seu valor varia de 0 a 1. Valores inferiores a 0,50 são apontados pela literatura como inaceitáveis; valores entre 0,50 e 0,59 são tidos como ruins; valores entre 0,60 e 0,69 são medíocres; valores entre 0,70 e 0,79 são considerados medianos; valores entre 0,80 e 0,89 são bons e valores entre 0,90 e 1 são excelentes (DAMÁSIO, 2012; FIGUEIREDO FILHO; SILVA JÚNIOR, 2010; HUTCHESON; SOFRONIOU, 1999). Já, o teste de Esfericidade de Bartlett verifica a

presença de correlações significantes entre as variáveis. Testes de Bartlett estatisticamente significativa ( $\text{sign.} < 0,05$ ) demonstra que há correlações suficientes entre as variáveis para proceder com a AFE (HAIR et al., 2009).

Com os dados da estrutura fatorial da análise dos componentes principais foi possível verificar se os mesmos poderiam, ou não, serem explorados a partir da Análise Fatorial Exploratória (AFE). Assim, para as escalas que apresentaram índices estatísticos satisfatórios procedeu-se a AFE. Para escalas em que não foi possível realizar a AFE, optou-se por realizar a análise estatística descritiva simples. Todos os dados foram explorados com o programa de análise estatística SPSS (*Social Package for Social Science*).

Participaram desse estudo 58 pais, sendo 25 mulheres (43,1%) e 33 homens (56,9%) residentes na cidade de Manaus-AM. A média da idade dos participantes foi 35 anos de idade (DP: 6,3). Entre os entrevistados 13,8% eram solteiros ou divorciados e 86,2% eram casados ou viviam em união estável. Entre os participantes, 53,4% eram pai/mãe de apenas um filho, 37,9% de dois filhos, 5,2% de 3 filhos e 3,4% de quatro filhos. Os participantes relataram ser de poder aquisitivo relativamente alto para o padrão brasileiro, sendo 12% com renda familiar maior que 15 salários mínimos, 50% com renda econômica entre 7 e 14 salários mínimos e 37% abaixo de 4 salários mínimos. A escolaridade também se mostra elevada entre os entrevistados, sendo que 26% dos participantes concluíram o Ensino Médio; 43% concluíram o Ensino Superior e 31% concluíram curso de pós-graduação (10,3% especialização, 12,1% mestrado e 8,6% doutorado). Tem-se, portanto uma amostra que se configura com renda média-alta e escolaridade superior.

### **3. Resultados e discussão**

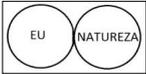
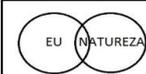
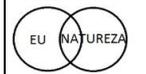
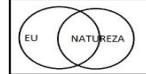
Na primeira seção são abordados os resultados das diferentes escalas usadas para mensurar o construto Conexão com a Natureza. Em seguida, é apresentado a análise da Escala de Comportamento Ambiental.

### 3.1 Conexão com a Natureza

Como já foi exposto, o construto conexão com a natureza suscita um intenso debate no âmbito acadêmico. Nesta seção, será apresentado os resultados obtidos, análise e discussão de dados referentes as três escalas de conexão com a natureza empregadas: Escala de Inclusão da natureza no Self (INS) (SCHULTZ, 2001), a Escala de Conexão com a Natureza (FRANTZ et al., 2005; MAYER; FRANTZ, 2004) e a Escala de Ligação com a Natureza, versão Reduzida (NR 6) (NISBET; ZELENSKI, 2013; ZELENSKI; NISBET, 2014).

A Escala de Inclusão da natureza no *Self* (INS) (SCHULTZ, 2001) foi utilizada para verificar o relacionamento entre o participante (*self*) e a natureza. A escala consiste em 7 figuras compostas por pares de círculos, sendo um rotulado como eu e o outro como natureza, em diferentes graus de sobreposição. A frequência obtida em cada par de círculos pode ser verificada na tabela 9.

**Tabela 9:** Distribuição de frequência na Escala INS

Figura	Frequência	Total %
	1	1,7
	4	6,9
	7	12,1
	21	<b>36,2</b>
	16	27,6
	5	8,6
	4	6,9
<b>Total</b>	<b>58</b>	<b>100</b>

Observa-se que a maior parte das respostas ficou concentrada entre as figuras 4 e 5, respectivamente, seguida pelas figuras 3, 6, 2 e 7 e, por fim, a imagem 1. A análise das repostas dos 58 participantes ao INS revelou média de 4,34 (DP: 1,30; Md: 4,0). Schultz (2004) considera que apesar dos resultados consistentes encontrados, a escala INS não é o melhor instrumento para acessar a conexão, pois a escala possui apenas um item. Por isso foram correlacionadas as demais escalas.

A Escala de Conexão com a Natureza (FRANTZ et al., 2005; MAYER; FRANTZ, 2004) foi adaptada e validada no Brasil, com a recomendação de suprimir o item 14 (PESSOA et al., 2016; ROSA, 2014). Foi realizada a Análise Fatorial Exploratória (AFE) a fim de examinar as dimensões dos dados. Foi encontrado os seguintes índices estatísticos da análise fatorial: KMO=0,71 (considerado mediano) e Teste de esfericidade de Bartlett= 214,774. O valor do índice de KMO acima de 0,80 é um indicador de fatorabilidade, o que não ocorreu nesse caso.

Como os índices estatísticos não foram considerados adequados, optou-se por não realizar AFE. Possivelmente, esse resultado se deve ao baixo número de entrevistados (N=58), sendo que o indicado pela literatura é, no mínimo, cinco observações por variável. Todavia, o tamanho mais aceitável seria dez observações por cada item que compõe a escala (HAIR et al., 2009). Na tabela 10 consta as variáveis da Escala de Conexão com a Natureza e o resultado da média de cada uma.

**Tabela 10:** Médias das variáveis da Escala de CN

AFIRMAÇÕES	Média
1. Muitas vezes me sinto unido à natureza ao meu redor.	3,9
2. Eu penso na natureza como uma comunidade da qual eu faço parte.	4,3
3. Eu reconheço e aprecio a inteligência dos outros seres vivos.	4,3
4. Frequentemente me sinto desconectado da natureza.	3,3
5. Quando eu penso na minha existência, eu me imagino como parte de um grande ciclo da vida.	4,5
6. Eu sinto uma identificação com as plantas e os animais.	4,1
7. Eu sinto que pertencço à Terra tanto quanto ela pertence a mim.	4,1
8. Eu tenho um entendimento claro de como minhas ações afetam à natureza.	4,7
9. Com frequência, me sinto parte da teia da vida.	4,2
10. Eu sinto que todos os habitantes da Terra, humanos e não humanos compartilham a mesma força vital.	3,9
11. Assim como uma árvore faz parte da floresta, eu me sinto parte da natureza.	4,1
12. Quando penso sobre o meu lugar na Terra, me considero no topo da hierarquia que existe na natureza.	3,7
13. Muitas vezes eu sinto que sou apenas uma pequena parte da natureza, e que não sou mais importante que a grama ou os pássaros.	3,8
<b>Total</b>	<b>4,0</b>

É possível verificar que nenhum item obteve média inferior a 3,3, as maiores médias obtidas foram 4,5 e 4,7 nos itens 5 e 8, respectivamente. A média total dos itens que compõem a escala foi de 4,0, DP: 0,41. Apesar de não ter sido possível realizar a AFE, foi calculado o alfa de Cronbach da escala de CN. O alfa de Cronbach constitui-se em uma medida comumente empregada para verificar a confiabilidade de um construto, que pode variar de 0 a 1 sendo que quanto mais próximo de 1, há maior confiabilidade, isto é, intensidade da correlação entre os itens (COZBY, 2003; HAIR et al., 2009; MATTHIENSEN, 2011). A escala de CN apresentou alfa de 0,773, de forma geral, alfa superior a 0,70 é classificado como possuindo confiabilidade apropriada (MAROCO; GARCIA-MARQUES, 2006).

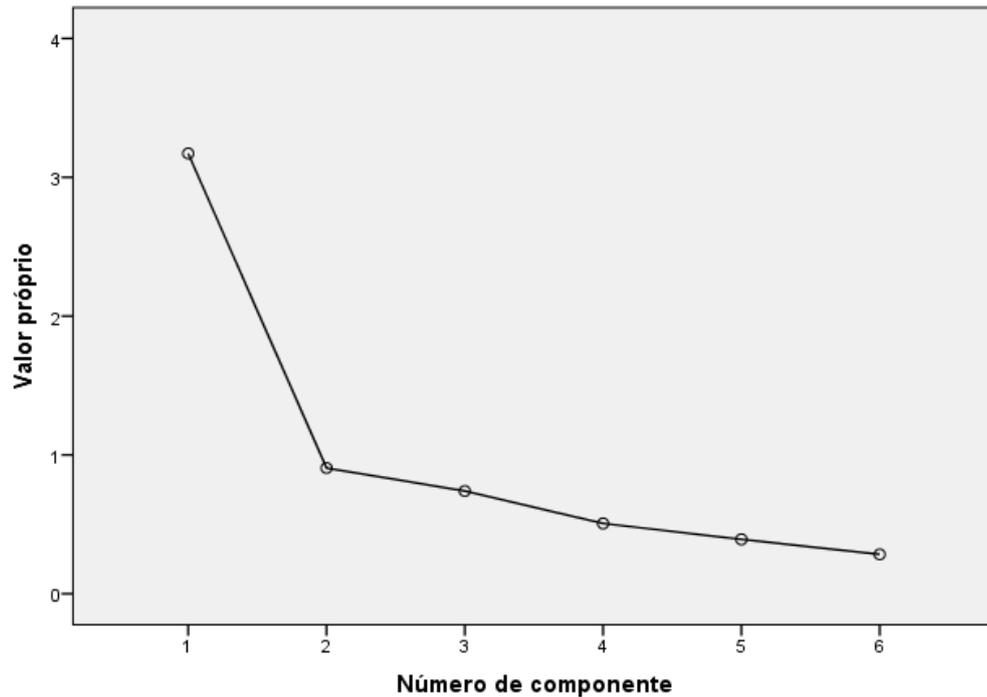
A Escala de Ligação com a Natureza versão reduzida (NR-6) é composta por 6 itens. A análise descritiva dos dados revelou média 4,0 (DP = 0,61 e Md = 4,0). Foi computada a AFE para verificar as dimensões dos dados. Os índices estatísticos obtidos foram considerados satisfatórios (quadro 2) indicando um bom grau de ajuste para aplicação da AFE e a fatorabilidade da matriz de dados.

**Quadro 2:** Teste de KMO e Bartlett

Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem.		,824
Teste de esfericidade de Bartlett	Qui-quadrado aprox.	114,917
	df	15
	Sig.	,000

O teste *Scree* é uma representação gráfica usado para identificar o número ótimo de fatores que podem ser extraídos (Gráfico 1). A distribuição dos *eigenvalues* no teste *Scree* sugere estrutura unifatorial (HAIR et al., 2009; PESSOA et al., 2016).

Gráfico 1: Teste Scree, ELN.



Ao analisar o teste *Scree* é importante considerar a curva, quando ela se torna uma queda ordenada decrescente temos um indicativo de estrutura fatorial. Por sua vez, a queda constante revela a presença de um único fator, entre as variáveis da ELN (PILATI; PORTO, 2008). A Tabela 11 apresenta a carga fatorial (F1) e médias de cada item da escala NR-6.

**Tabela 11:** Média e estrutura fatorial da Escala de Ligação com a Natureza, NR-6

AFIRMAÇÕES	Média	F1
1. Minhas férias ideais seriam em lugares remotos, em áreas naturais.	4,16	,352
2. Eu sempre penso como as minhas ações podem afetar o ambiente.	4,31	,493
3. Minha conexão com a natureza e o ambiente é parte da minha essência.	4,05	,799
4. Busco notícias sobre a natureza onde quer que eu esteja.	3,48	,750
5. Meu relacionamento com a natureza é parte importante de quem eu sou.	4,12	,819
6. Eu me sinto muito conectado a todos os seres vivos e a terra.	3,71	,682

Finalizada a estrutura fatorial a partir da análise dos componentes principais, iniciou-se de fato a AFE. Nesse momento, apenas as variáveis com carga fatorial inferior a 0,30 devem ser excluídas (HAIR et al., 2009). Todavia, tal regra não se

aplica, uma vez que todos os itens alcançaram carga fatorial superior a 0,30. A carga fatorial de cada item indica o grau de correlação de cada um dos itens com o fator principal. Ao término da AFE, foi efetuado o cálculo do índice de confiabilidade do fator, através do alfa de Cronbach<sup>16</sup> (0,80), o que revelou significativa confiabilidade entre os itens.

Ao término dessas análises, optou-se por comparar as médias em cada uma das escalas examinadas. Embora cada uma das escalas (INS, CN e ELN, NR-6) tenha sido elaborada para mensurar o aspecto preponderante da CN - verificar se esse construto é produto de uma ligação cognitiva, afetiva ou ainda, afetiva, cognitiva e física, respectivamente – verificou-se que média obtida nas escalas empregadas foi muito próxima (Tabela 12).

**Tabela 12:** Médias encontradas nas escalas INS, CN e ELN, NR-6

Escalas	Médias
INS	4,3
CN	4,0
ELN- NR6	4,0

Isso significa que apesar das diferenças de conceitos e formas de mensuração, as diferentes escalas de CN apresentadas são capazes de acessar diversas expressões do mesmo construto, isto é, a conexão subjetiva com a natureza. Para apoiar isso, estudos demonstram que todos os resultados obtidos - a partir das diferentes escalas - estão altamente correlacionados uns com os outros (CAPALDI; DOPKO; ZELENSKI, 2014; TAM, 2013), em consonância com o que foi encontrado nessa pesquisa.

Baixos índices de conexão com a natureza manifestam-se na redução de tempo ao ar livre, em contato com a natureza. Ao permanecer por longos períodos em ambientes fechados, as pessoas tornam-se propensas a desenvolver desejos mais focados em si mesmas (como busca de riqueza e bens materiais) e a agir de forma a intensificar a crise ambiental. Em contrapartida, altos índices de CN indicam preocupação com a natureza, o que se exprime em longos períodos em contato com a natureza e ações de conservação e de cuidado com o ambiente natural (FRANTZ;

<sup>16</sup> Coeficiente de confiabilidade que varia de 0 a 1. O limite inferior aceito para o alfa de Cronbach é de 0,60 em pesquisas exploratórias (COZBY, 2003; HAIR et al., 2009).

MAYER, 2014; MAYER; FRANTZ, 2004; NISBET; ZELENSKI, 2013; NISBET; ZELENSKI; MURPHY, 2008; SCHULTZ, 2001, 2009).

Os dados obtidos, a partir das escalas usadas para mensurar a CN, revelam que os participantes apresentam forte conexão com a natureza, ou seja, os participantes possuem forte vínculo, ligação com a natureza. Autores dedicados ao estudo desse construto postulam que a CN prediz o aumento de tempo em contato com a natureza, assim como, o cuidado e preocupação ambiental.

Todavia, verificou-se que o forte grau de CN, não se concretiza em longos períodos em contato com a natureza. O que indica uma cisão entre a conexão e o tempo passado em ambientes naturais. Considerando o alto índice de CN, será que isso se exprime em ações de cuidado com a natureza? Ou, há contradição entre a forte ligação emocional e as atitudes adotadas pelos pais? A seção subsequente investe nesses questionamentos.

### **3.2 Ações em relação ao ambiente**

Para verificar o comportamento que marca a relação com a natureza, foi desenvolvida, especialmente para essa pesquisa, uma escala social tipo *Likert*, composta por itens que indicam ações reportadas em relação ao ambiente natural. Os entrevistados assinalavam a frequência<sup>17</sup> com que realizavam as atividades descritas nos itens. Inicialmente, foi realizado a AFE para verificar as dimensões dos dados obtidos (KMO= ,634 e Teste de esfericidade de Bartlett= 89,403).

Uma vez que os índices não eram satisfatórios, optou-se por excluir o item 5 que possuía carga fatorial abaixo de 0,30. Desse modo, foi computada nova AFE, o que resultou em índice de KMO= ,645 e Teste de esfericidade de Bartlett=83,251. Como nenhum outro item da escala revelou carga fatorial abaixo de 0,30, a possibilidade de excluir itens mostrou-se inviável. A Escala apresentou alfa de Cronbach no valor de 0,74. Provavelmente, o baixo número de observações por itens impactou nos resultados dos índices. Por essa razão, foi efetuado a análise descritiva dos dados. Os valores da média e mediana de cada item estão na tabela 13.

---

<sup>17</sup> As frequências a serem escolhidas pelos participantes eram: nunca, raramente, às vezes, frequentemente e sempre.

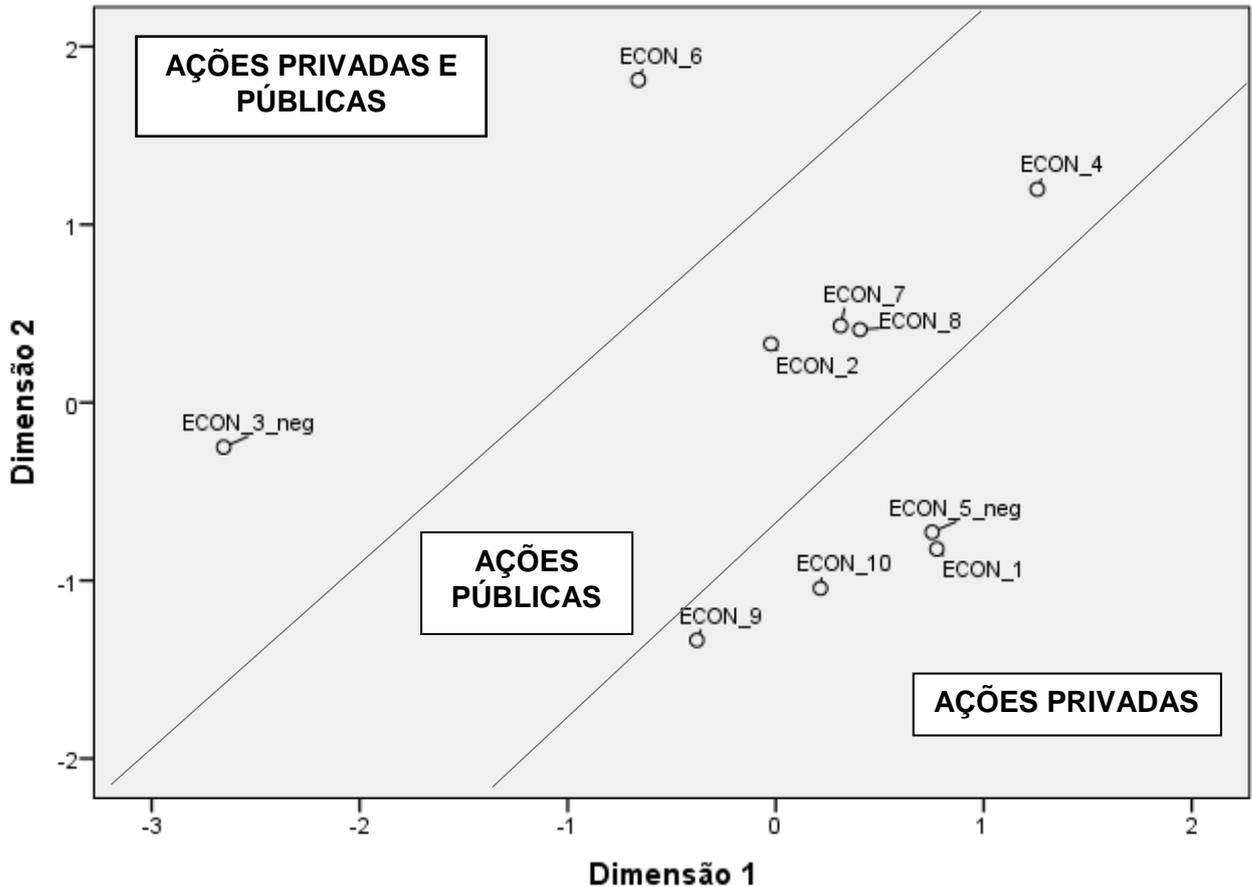
**Tabela 13:** Valores da média e mediana da Escala de Comportamento Ambiental

Tipo de ação	Afirmativa	Média	Mediana	Média dos itens
Pública e privada	3. Deixo os aparelhos eletrônicos no modo <i>stand by</i> .	3,19	3,00	2,98
	6. Reclamo à pessoa quando a vejo cortando alguma árvore em via pública.	2,78	3,00	
Pública	2. Faço campanha com meus colegas para reciclar/reutilizar resíduos.	2,60	3,00	2,26
	4. Contribuo com um valor em dinheiro para iniciativas de proteção de animais.	1,57	1,00	
	7. Evito o uso de sacolas plásticas e dou preferência às <i>ecobags</i> .	2,67	3,00	
	8. Participo de campanhas em defesa do meio ambiente.	2,22	2,00	
Privada	1. Reutilizo água da máquina de lavar na minha casa.	3,00	2,00	2,80
	5. Utilizo material descartável (copos, pratos, talheres) quando faço alguma festinha em casa.	2,34	2,00	
	9. Separo o lixo orgânico dos outros tipos de lixo na minha casa.	2,91	3,00	
	10. Voto em candidatos que defendem o meio ambiente como prioridade.	2,98	3,00	

Observa-se que as ações públicas e privadas obtiveram a média mais alta (2,98) em seu conjunto, já as ações privadas obtiveram em conjunto a segunda média (2,80), e por fim as ações públicas em conjunto obtiveram médias relativamente mais baixas (2,26) em relação às demais ações. É importante ressaltar que os valores das médias dos itens 3 e 5 foram calculadas após a reversão dos mesmos. Os itens menos pontuados entre os entrevistados foram “Contribuo com um valor em dinheiro para iniciativas de proteção de animais” e “Participo de campanhas em defesa do meio ambiente”. Já os itens “Deixo os aparelhos eletrônicos no modo *stand by*” e “Reutilizo água da máquina de lavar na minha casa” alcançaram as maiores pontuações e revelam que entre os participantes há preocupação em reduzir o consumo de energia elétrica e de água. Todavia, compreender o que motiva tais atitudes, como por exemplo o cuidado com os recursos naturais ou, tentativa de economizar recurso financeiro, não foi o objetivo da pesquisa, o que seria importante em pesquisas futuras.

A representação dos itens da escala no espaço geométrico, permitiu visualizar quais deles estão mais relacionados entre si (Figura 6).

**Figura 6: Projeção SSA com itens da Escala de Comportamento Ambiental**



A análise da projeção dos itens da Escala de Comportamento com a Natureza revela três facetas. O conjunto nomeado “Ações Públicas” é composto pelos itens 2 (“Faço campanha com meus colegas para reciclar/reutilizar resíduos”), 4 (“Contribuo com um valor em dinheiro para iniciativas de proteção de animais”), 7 (“Evito o uso de sacolas plásticas e dou preferência às *ecobags*”) e 8 (“Participo de campanhas em defesa do meio ambiente”). Nesse conjunto observa-se um comportamento saliente de mobilização e participação social de modo que as ações se mostram explícitas em público. Essas ações são possíveis de serem vistas fora do âmbito doméstico, denotando uma maior mobilização e participação cívica.

O outro agrupamento nomeado “Ações Privadas” compreende os itens 1 (“Reutilizo água da máquina de lavar na minha casa”), 5 (“Utilizo material descartável -copos, pratos, talheres- quando faço alguma festinha em casa”), 9 (“Separo o lixo

orgânico dos outros tipos de lixo na minha casa”) e 10 (“Voto em candidatos que defendem o meio ambiente como prioridade”). Nesse conjunto observa-se um comportamento caracterizado como privado, de pouca exposição pública. Apesar da explícita predisposição de ações pró-ambientais, estas ocorrem de forma menos nítida socialmente, uma vez que ocorrem num âmbito mais reservado.

Por sua vez, o conjunto chamado “Ações Privadas e Públicas” incluem os itens 3 (“Deixo os aparelhos eletrônicos no modo *stand by*”) e 6 (“Reclamo à pessoa quando a vejo cortando alguma árvore em via pública”) revelaram um agrupamento específico. Estão presentes nesse conjunto de comportamento pais que revelam tanto ações de cunho privados, pouco visível fora desse espaço reservado, e públicos, que mostram ações mais aguerridas de alta exposição pública.

Com o intuito de verificar a relação entre as características sociodemográficas dos participantes e os itens que contemplam a escala supracitada, foi realizado a correlação entre as variáveis (Tabela 14).

A análise dos dados revela que os itens 1, 3, 4 e 9 não revelam correlação significativa, seja positiva ou negativa, com as variáveis sociodemográficas. Os itens 2 e 7 apresentaram correlação positiva com os participantes que possuem pós-graduação, ou seja, os pais que completaram algum curso de pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado) são mais propensos a efetuar campanhas com colegas para reciclar/reutilizar resíduos e a evitar o uso de sacolas plásticas, dando preferência as *ecobags*. Tais ações empreendidas podem ser explicadas por meio do entendimento de CN do tipo biosférico, característico dos participantes com esse nível de escolaridade (conforme Figura 2), que designa o sentimento de pertença em relação ao ambiente natural e, portanto, a compreensão de que nossas ações promovem implicações diretas sobre a natureza.

O item 5, classificado como ação privada, denota relação positiva com participantes que detêm renda alta e relação negativa com aqueles que possuem o ensino médio. Esse item, em particular, merece um estudo mais aprofundado, pois é preciso considerar aspectos da desejabilidade social que podem promover implicações nas repostas dos participantes. Já, o item 6 (“Reclamo à pessoa quando a vejo cortando árvores em vias públicas”), categorizado como ação privada e pública revelou ligação positiva com gênero masculino e negativa com o gênero feminino. Essa diferença em relação ao gênero pode ser justificada por tratar-se de uma ação de forte cunho público, que demanda a intervenção na ação de outra pessoa, o que



O item 8 (“Participo de campanhas em defesa do meio ambiente”) evidencia ligação positiva com as variáveis renda alta e pós-graduação e relação negativa com ensino médio. Nesse caso, é possível que a escolaridade elevada esteja atrelada a maior mobilização em defesa ao meio ambiente, pois promove conhecimento sobre diferentes formas de atuar em prol da natureza. Por sua vez, o item 10 (“Voto em candidatos que defendem o meio ambiente como prioridade”) apontou correlação negativa com os participantes que possuem renda baixa, o que pode ser explicado pela preocupação dos entrevistados em priorizar demandas que são mais presentes e vivenciadas em seu dia-a-dia.

As escalas usadas para mensurar a CN lograram médias que indicam forte CN. Contudo essa ligação não se manifesta em ações cotidianas, haja vista os baixos índices alcançados nos itens que formam a Escala de Comportamento Ambiental, o que indica baixa propensão a adotar tal ação. Isso revela a cisão entre a concepção de natureza - pensada como caracterização física e biológica e locus de vivências afetivas e simbólicas – e o comportamento ambiental adotado pelos pais. Embora os pais reconheçam os benefícios da natureza e do contato com ela, poucos conseguem efetivar ações que visem sua preservação.

As dificuldades para efetivar comportamentos pró-ambientais, apesar da existência da ligação emocional com a natureza, podem ser barreiras psicológicas (GIFFORD, 2011). Dentre os principais empecilhos que culminam na inação está a ignorância, que pode ser pensada sob dois vieses: o desconhecimento da existência do problema ou, a ausência de consciência acerca do problema. A insensibilidade ambiental também pode justificar a ausência de comportamentos pró-ambientais entre os participantes, pois as pessoas não conhecem, completamente, o ambiente físico em que estão inseridas, especialmente, a complexidade do bioma amazônico. Dessa forma, o desconhecimento de alguns aspectos - que aparentemente não promovem dificuldade imediata – podem causar modestas dificuldades, o que impede a adoção de comportamentos mitigativos. A frequência com que as mensagens relativas ao ambiente são veiculadas, sobretudo, se elas são essencialmente iguais, pode suscitar naturalização ambiental, o que resulta na diminuição de comportamentos pró-ambientais (GIFFORD, 2011).

Além desses aspectos, também é importante considerar a incerteza. A ideia de que os problemas ambientais são incertos e ocorrerão no futuro faz com que as pessoas não modifiquem seus hábitos. Outro aspecto relevante é o sistema de

justificação, isto é, o conforto advindo da vida contemporânea, sendo que os ajustes comportamentais, para mitigar a crise ambiental, podem impactar nessa comodidade (GIFFORD, 2011).

Em suma, apesar de existir, entre os participantes, uma forte ligação emocional com a natureza, ainda há um longo caminho a percorrer, para que isso se materialize em atitudes que demonstrem tal ligação. De acordo com teóricos que se dedicam ao estudo da CN, esta prediz o cuidado e a preocupação ambiental. Porém, isso ficou pouco evidente, de acordo com os dados obtidos, o que nos leva a considerar as barreiras psicológicas enquanto empecilhos para a efetivação desse comportamento. Todavia, compreender como elas afetam a adoção, ou não, de certos comportamentos não foi o objeto de pesquisa nesse estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender o comportamento de conexão com a natureza entre pais/mães na cidade de Manaus-AM e suas implicações nas experiências proporcionadas aos filhos(as). Para alcançar tal propósito, foi preciso elucidar os objetivos específicos propostos.

Partindo do pressuposto de que não existe uma natureza em si, mas naturezas construídas histórica, geográfica e socialmente e considerando que os participantes vivem em uma cidade incrustada na maior floresta tropical do mundo, era pertinente analisar os significados atribuídos pelos pais/mães à natureza. O entendimento de natureza dos entrevistados é marcado por aspectos subjetivos, isto é, fruto das vivências afetivas e simbólicas e aspectos objetivos, ou seja, a caracterização física e biológica. A análise dos dados obtidos reitera que a concepção de natureza está fundamentada nas relações sociais, estabelecidas em um tempo e espaço específico.

Uma vez que a concepção de natureza está atrelada às relações sociais, situadas em um determinado contexto histórico, era esperado que o entendimento, dos pais, acerca do construto conexão com a natureza fosse divergente, em relação ao proposto pela academia. Nota-se que o entendimento de CN assenta-se em três classificações: *egocêntricas*, quando prevalece o enaltecimento do bem-estar proporcionado pelo contato com a natureza; *altruístas*, sobressai a preocupação em preservar a natureza, para que outros possam usufruir e, *biosférica* diz respeito ao sentimento de pertença, a identificação com todos os seres vivos.

O predomínio do entendimento do tipo egocêntrico de conexão com a natureza demonstra a preocupação em manter o bem-estar advindo do contato com a natureza e não o cuidado com a natureza em si. Esse resultado sinaliza que ações empreendidas para a sensibilização das pessoas, acerca da importância da preservação da fauna e flora, podem ser mais eficazes se ressaltarem os benefícios físicos e mentais, provenientes do contato com a natureza. A ênfase nos benefícios proporcionados pela natureza à saúde humana, pode levar a adoção de atitudes favoráveis em relação ao ambiente natural.

Com o intuito de caracterizar as experiências vividas entre pais e filhos/as em ambientes naturais, optou-se em verificar quais as atividades de lazer comumente realizadas, pois além de ser uma necessidade na vida das pessoas o lazer é resultado de uma escolha subjetiva. Assim, a decisão das atividades de lazer a serem praticadas

revelam a proximidade das pessoas com o ambiente. As atividades de lazer em âmbito natural não se constituem como escolha prioritária entre os pais, seja em relação as atividades desejadas ou almejadas.

Os valores transmitidos para filhos(as) fundamentarão o comportamento desses futuros adultos, pois as experiências na natureza, a proximidade com o ambiente natural prediz o comportamento pró-ambiental. Todavia, os dados obtidos evidenciam que experiências diretas com a natureza não se constituem no propósito dos pais, há valorização de atividades *outdoor* realizadas em âmbito construído (experiências indiretas com a natureza), em detrimento ao âmbito natural, demonstrando a diminuição do tempo em contato com a natureza, mesmo que essa seja próxima aos moradores de Manaus. Assim, pode-se inferir que os pais não estão promovendo os meios para fomentar a conexão com a natureza entre as crianças, o que reverberará na adoção de atitudes de cuidado ambiental, pois as experiências na natureza, a proximidade com o ambiente natural prediz o comportamento pró-ambiental.

É imprescindível suprir esse déficit de natureza nas crianças, uma vez que os pais não o estão fazendo. Esses dados devem ser considerados por legisladores, pais e educadores em geral, pois promove implicações no bem-estar das crianças. O déficit de natureza na vida desses adultos e de seus filhos(as), promove implicações no bem-estar físico (o contato com a natureza reduz morbidade cardiovascular, obesidade e risco de diabetes tipo 2) e emocional (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2016) e, consequências em relação ao estabelecimento de valores e atitudes ambientais.

Nesse cenário, intervenções exteriores à rede familiar devem ser pensadas a fim de sanar essa lacuna e, assim, incorporar o contato com a natureza como parte do cotidiano das crianças. Para tanto, programas governamentais que fomentem a conexão com a natureza devem ser propostos e executados em instituições de ensino e de práticas esportivas. Faz-se necessário também, a sensibilização da sociedade para os benefícios psicossociais advindos do contato com a natureza. Desse modo, os pais poderão apoiar e estimular as experiências na natureza e, conseqüentemente, promoverão o desenvolvimento integral das crianças.

Outro aspecto a ser considerado, no tocante à diminuição de experiência na natureza, é a questão da insegurança. Desse modo, os ambientes naturais devem suscitar sensação de segurança entre os adultos, para que eles possam frequentar, com maior regularidade, tais lugares com seus filhos e filhas.

Para identificar os comportamentos que marcam a relação com a natureza foi empregada a Escala de Comportamento Ambiental, desenvolvida especificamente para essa pesquisa. Os dados obtidos através desse instrumento revelaram baixos índices, nos itens que compõem a escala, indicando pouca disposição dos participantes em aderir às ações mencionadas. Em contrapartida, as escalas empregadas para mensurar a conexão com a natureza, revelam que os participantes apresentam forte conexão com a natureza.

Os dados demonstram uma contradição, pois a conexão com a natureza não se expressa no comportamento, na abrangência da ação. Os pais reconhecem a importância da natureza, bem como os benefícios advindos por meio do contato físico com o ambiente natural, porém são pouco dispostos a empreender ações de preservação, cuja justificativa seria um item importante a ser investigado. A natureza é valorizada na medida em que promove o bem-estar emocional e físico e não como dimensão ecossistêmica, possuidora de um valor em si.

A dissonância encontrada entre a forte CN e a efetivação de atitudes reveladoras dessa ligação (experiências na natureza e cuidado ambiental) se constituem em um alerta para a governança ambiental e de saúde integral das pessoas que vivem nela. Todavia, é importante ressaltar que os dados encontrados sobre conexão com a natureza em outros estudos, devem ser relativizados diante da disposição do ecossistema amazônico. A Amazônia está localizada numa região de trópico úmido, se caracteriza por possuir uma densa floresta tropical, expressiva biodiversidade, clima quente e úmido e pela extensa bacia hidrográfica. A natureza é intensa e está próxima e acessível na maior parte do ano, uma vez que não há estações sazonais que impeça essa aproximação. Apenas a presença da chuva ou sua ausência por algumas horas seria o fator diferencial. Tais características tornam o local peculiar em relação aos estudos de CN realizados na Europa, Estados Unidos e Oceania, onde áreas de natureza são relativamente distantes do perímetro urbano e as estações são bem definidas limitando ou impossibilitando o acesso às áreas naturais.

Além da peculiaridade do ecossistema, é preciso destacar também os valores socioculturais presentes entre os moradores. Observa-se que a ideia de urbano não abarca elementos que caracterizam o ambiente natural. Há uma certa repulsa por aspectos que remetem a natureza, pois essa é percebida como sinônimo de atraso, de vida no interior. O que se contrapõe a percepção da cidade, do urbano, construído

e moderno. Isso está tão arraigado entre os habitantes de Manaus, que quanto mais distante a residência de áreas florestais, maior o status do morador (HIGUCHI, 1999; HIGUCHI; AZEVEDO; FORSBERG, 2012; HIGUCHI; SILVA, 2013; SILVA, 2009).

Nesse sentido, os aspectos culturais e ambientais devem ser levados em consideração a fim de compreender a dissonância entre o alto índice de CN e o baixo contato com ela. Em suma, os dados demonstram que a desconexão com a natureza entre as pessoas deve ser pensada além de questões de logística e infraestrutura, há que se compreender a multidimensionalidade do problema. Para tanto, é imprescindível considerar aspectos culturais, ambientais e sociais. Por essa razão, outros estudos são necessários para compreender com profundidade o fenômeno do distanciamento da natureza entre os cidadãos e fomentar o aumento de vivências na natureza.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, D. DA S.; SILVA, D. S.; KUHNEN, A. Preferências Ambientais e Possibilidades de Restauro Psicológico em Campi Universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 893–906, 2016.
- ALVES, I. R. S. **Educação ambiental mediada por jogo de simulação: um estudo do “Ecoethos da Amazônia” e sua contribuição para a construção da responsabilidade socioambiental juvenil**. Dissertação de mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia—Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2016.
- ALVES, J. L. **Estudo temporal dos fragmentos florestais urbanos por meio das ferramentas geotecnológicas: o caso da cidade de Manaus, Amazonas**. Dissertação de Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais—Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011a.
- ALVES, S. Ambientes restauradores. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011b.
- ARON, A.; ARON, E. N.; SMOLLAN, D. Inclusion of Other in the Self Scale and the structure of interpersonal closeness. **Journal of personality and social psychology**, v. 63, n. 4, p. 596, 1992.
- AZEVEDO, G. C. DE. **Representações sociais de florestas e mudanças climáticas por professores do Amazonas: uma contribuição para formação continuada**. Tese de doutorado em Psicologia Cognitiva—Recife: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2013.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 35ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- BRATMAN, G. N.; HAMILTON, J. P.; DAILY, G. C. The impacts of nature experience on human cognitive function and mental health. **Annals of the New York Academy of Sciences**, v. 1249, n. 1, p. 118–136, 2012.
- BRUNI, C. M. et al. Natural Connections. **Environment and Behavior**, v. 44, n. 2, p. 197–215, 2012.
- BRUNO, A. C.; MENEZES, T. A floresta e sociedade: tradição e cultura. In: HIGUCHI, M. I. G.; HIGUCHI, N. (Orgs). **A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental**. 2. ed. Manaus: Edição dos autores, 2012. p. 287–310.
- CALEGARE, M. G. A.; HIGUCHI, M. I. G. Significado de morar e viver em uma Unidade de Conservação. In: HIGUCHI, M. I. G.; FREITAS, C.C.; HIGUCHI, N. (Orgs). **Morar e viver em Unidades de Conservação no Amazonas: Considerações socioambientais para os planos de manejo**. 1ª ed. Manaus: [s. n.], 2013. p. 189–212.

CAPALDI, C. A.; DOPKO, R. L.; ZELENSKI, J. M. The relationship between nature connectedness and happiness: a meta-analysis. **Frontiers in Psychology**, v. 5, p. 1–15, 2014.

CARSON, R. **Primavera silenciosa**. São Paulo: Gaia, 2010.

CHENG, J. C.-H.; MONROE, M. C. Connection to nature children's affective attitude toward nature. **Environment and Behavior**, v. 44, n. 1, p. 31–49, 2012.

CHRISTENSEN, K. **The Importance of Building Human-Nature Connections: Fostering stewardship through childhood nature experiences**. 2014.

COELHO, J. A. P. DE M.; GOUVEIA, V. V.; MILFONT, T. L. Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 1, p. 199–207, 2006.

COLLADO, S.; CORRALIZA, J. A. Children's Restorative Experiences and Self-Reported Environmental Behaviours. **Environment and Behavior**, v. 47, n. 1, p. 38–56, 2015.

COLLADO SALAS, S. La naturaleza como moderadora del estrés infantil. In: **Investigar para avanzar en educación ambiental**. Madrid: Organismo Autónomo Parques Nacionales. Ministerio de Medio Ambiente y Medio Rural y Marino, 2010. p. 45–62.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

DAMÁSIO, B. F. Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. **Avaliação psicológica**, v. 11, n. 2, p. 213–228, 2012.

D'AMORE, C. Family nature clubs: An intergenerational opportunity to foster love of the natural world. **Families, Relationships and Societies**, v. 5, n. 3, p. 431–446, 2015.

DESCARTES, R. **Discurso sobre o método**. São Paulo: Edipro, 2006.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Annablume, 2002.

DULLEY, R. D. Noção de natureza, ambiente, meio ambiente, recursos ambientais e recursos naturais. **Agricultura em São Paulo, São Paulo**, v. 51, n. 2, p. 15–26, 2004.

ERNST, J.; THEIMER, S. Evaluating the effects of environmental education programming on connectedness to nature. **Environmental Education Research**, v. 17, n. 5, p. 577–598, 2011.

FIGUEIREDO FILHO, D. B.; SILVA JÚNIOR, J. A. DA. Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. **Opinião pública**, v. 16, n. 1, p. 160–185, 2010.

FISCHER, G. **Psicologia social do ambiente**. Portugal: Instituto Piaget, s/d.

FONSECA, C. Olhares antropológicos sobre a família contemporânea. **Pesquisando a família: Olhares contemporâneos**, p. 55–68, 2004.

FONSECA, C. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Saúde e sociedade**, v. 14, n. 2, p. 50–59, 2005.

FORSBERG, S. S. **Processos cognitivos relacionados à transformação da floresta Amazônica: um estudo com adolescentes e jovens de Manaus e da RDS Uatumã**. Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia—Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012.

FRANTZ, C. et al. There is no “I” in nature: The influence of self-awareness on connectedness to nature. **Journal of Environmental Psychology**, v. 25, n. 4, p. 427–436, dez. 2005.

FRANTZ, C. M.; MAYER, F. S. The importance of connection to nature in assessing environmental education programs. **Studies in Educational Evaluation**, Evaluating Environmental Education. v. 41, p. 85–89, jun. 2014.

FRAXE, T. DE J. P. **Homens anfíbios: Etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablume, 2000.

FRUMKIN, H. et al. Nature contact and human health: A research agenda. **Environmental Health Perspectives**, v. 125, n. 7, p. 075001–1, 2017.

GARCIA, R. W. D. Representações Sociais da Comida no Meio Urbano: algumas considerações para o estudo dos aspectos simbólicos da alimentação. **Rev Cadernos de Debate Unicamp**, v. 2, p. 12–40, 1994.

GIFFORD, R. O papel da Psicologia Ambiental na formação da Política Ambiental e na construção do futuro. **Psicologia USP**, v. 16, n. 1–2, p. 237–247, 2005.

GIFFORD, R. The dragons of inaction: psychological barriers that limit climate change mitigation and adaptation. **American Psychologist**, v. 66, p. 290–302, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar - Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GOMES, J. V. Socialização: um problema de mediação? **Psicologia USP**, v. 1, n. 1, p. 57–65, 1990.

GOMES, J. V. Família e socialização. **Psicologia USP**, v. 3, n. 1–2, p. 93–105, 1992.

GOMES, J. V. Socialização primária: tarefa familiar. **Cadernos de Pesquisa**, n. 91, p. 54–61, 1994.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1989.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2010.

GREENWALD, A. G.; MCGHEE, D. E.; SCHWARTZ, J. L. Measuring individual differences in implicit cognition: the implicit association test. **Journal of personality and social psychology**, v. 74, n. 6, p. 1464, 1998.

GÜNTHER. Como elaborar um questionário. In: PINHEIRO, J. de Q.; GÜNTHER, H. (Orgs). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 105–147.

GÜNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. A abordagem multimétodos em estudos pessoa-ambiente: Características, definições e implicações. In: PINHEIRO, J. de Q.; GÜNTHER, H. (Orgs). **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 369–396.

GÜNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. Multimétodos. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 239–249.

HAIR, J. F. et al. **Análise multivariada de dados**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HEEMAN, A. Natureza e sociedade: A controvérsia sobre os alicerces da conduta humana. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 01, p. 9–19, 2000.

HIGUCHI, M. I. G. **House, street, bairro and mata: Ideas os place and space an urban location in Brazil**. Tese de doutorado—Uxbridge: Brunel University, 1999.

HIGUCHI, M. I. G. A socialidade da estrutura espacial da casa: processo histórico de diferenciação social por meio e através da habitação. **Revista de Ciências Humanas**, n. 33, p. 49–70, 2003.

HIGUCHI, M. I. G.; AZEVEDO, G. C. DE; FORSBERG, S. A floresta e sociedade: ideias e práticas históricas. In: HIGUCHI, M. I. G.; HIGUCHI, N. (Orgs). **A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: Uma proposta de educação ambiental**. Manaus: Edição dos autores, 2012. p. 311–330.

HIGUCHI, M. I. G.; SILVA, K. Entre a floresta e a cidade: percepção do espaço social de moradia em adolescentes. **Psicologia para América Latina**, n. 25, p. 5–23, 2013.

HINDS, J.; SPARKS, P. Engaging with the natural environment: The role of affective connection and identity. **Journal of environmental psychology**, v. 28, n. 2, p. 109–120, 2008.

HOWELL, A. J. et al. Nature connectedness: Associations with well-being and mindfulness. **Personality and Individual Differences**, v. 51, n. 2, p. 166–171, 2011.

HUTCHESON, G. D.; SOFRONIOU, N. **The multivariate social scientist: Introductory statistics using generalized linear models**. London: Sage Publications, 1999.

ITTELSON, W. H. et al. Homem ambiental. **Série: Textos de psicologia ambiental**, v. 14, p. 1–9, 2005.

IZENSTARK, D.; EBATA, A. T. Theorizing Family-Based Nature Activities and Family Functioning: The Integration of Attention Restoration Theory With a Family Routines and Rituals Perspective. **Journal of Family Theory & Review**, v. 8, n. 2, p. 137–153, 2016.

JAMIESON, L. Families, relationships and 'environment': (Un) sustainability, climate change and biodiversity loss. **Families, Relationships and Societies**, v. 5, n. 3, p. 335–355, 2015.

JOYE, Y.; VAN DEN BERG, A. Is love for green in our genes? A critical analysis of evolutionary assumptions in restorative environments research. **Urban Forestry & Urban Greening**, v. 10, n. 4, p. 261–268, 2011.

KAHN, P. H.; KELLERT, S. R. **Children and Nature - Psychological, Sociocultural, and Evolutionary Investigations**. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology, 2002.

KALS, E.; SCHUMACHER, D.; MONTADA, L. Emotional affinity toward nature as a motivational basis to protect nature. **Environment and behavior**, v. 31, n. 2, p. 178–202, 1999.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S. **Humanscape: Environments for people**. [s.l.] Ulrich's Books., 1982.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S. **The experience of nature: A Psychological perspective**. Nova York: Cambridge University Press, 1989.

KAPLAN, S. The restorative benefits of nature: Toward an integrative framework. **Journal of environmental psychology**, v. 15, n. 3, p. 169–182, 1995.

KELLERT, S. R. Experiencing nature: Affective, cognitive, and evaluative development in children. In: KAHN, P. H.; KELLERT, S. R. (Orgs). **Children and nature: Psychological, sociocultural, and evolutionary investigations**, p. 117–151, 2002.

KRZNARIC, R. **Sobre a arte de viver - Lições da história para uma vida melhor**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LAIRD, S. G.; MCFARLAND-PIAZZA, L.; ALLEN, S. Young children's opportunities for unstructured environmental exploration of nature: Links to adults' experiences in childhood. **International Journal of Early Childhood**, v. 2, n. 1, p. 58–75, 2007.

LENCASTRE, M. P. A. Bondade, Altruísmo e Cooperação. Considerações evolutivas para a educação e a ética ambiental. **Revista Lusófona de Educação**, n. 15, p. 113–124, 2010.

- LENOBLE, R. **História da ideia de natureza**. Lisboa: Edições 70, 1969.
- LEOPOLD, A. **A Sand County Almanac: With essays on conservation from rounder river**. New York: Ballantine Books, 1970.
- LOUV, R. **A última criança na natureza - Resgatando Nossas Crianças do Transtorno do Deficit de Natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.
- MACIEL, S. C.; MELO, J. R. F. DE O uso da entrevista e da análise de conteúdo em pesquisas qualitativas. In: COUTINHO, M. da P. L.; SARAIVA, E. R. de A. **Métodos de pesquisa em Psicologia Social: Perspectivas Qualitativas e Quantitativas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2011. p. 175–204.
- MACNAGHTEN, P.; URRY, J. **Contested natures**. London: Sage Publications, 1998.
- MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia - Dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MAROCO, J.; GARCIA-MARQUES, T. Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? **Laboratório de Psicologia**, p. 65–90, 2006.
- MATTHIENSEN, A. Uso do Coeficiente Alfa de Cronbach em Avaliações por Questionários. **Embrapa Roraima-Documentos (INFOTECA-E)**, 2011.
- MAYER, F. S.; FRANTZ, C. M. The connectedness to nature scale: A measure of individuals' feeling in community with nature. **Journal of Environmental Psychology**, v. 24, n. 4, p. 503–515, dez. 2004.
- MORAN, E. **Adaptabilidade humana: Uma introdução à antropologia ecológica**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994.
- MORIN, E. **O paradigma perdido: A natureza humana**. Portugal: Europa-América, 2000.
- NISBET, E. K.; ZELENSKI, J. M. The NR-6: a new brief measure of nature relatedness. **Frontiers in psychology**, v. 4, p. 813, 2013.
- NISBET, E. K.; ZELENSKI, J. M.; MURPHY, S. A. The nature relatedness scale: Linking individuals' connection with nature to environmental concern and behavior. **Environment and Behavior**, 2008.
- OLIVEIRA, J. A. DE. Espaço-tempo de Manaus: a natureza das águas na produção do espaço urbano. **Espaço e Cultura**, n. 23, p. 33–42, 2008.
- PATO, C. M. L.; TAMAYO, Á. A escala de comportamento ecológico: desenvolvimento e validação de um instrumento de medida. **Estudos de psicologia**, v. 11, n. 3, p. 289–296, 2006.

PERES, P. M. S. **Mediação dos pais na interação criança-natureza**. Tese de Doutorado em Psicologia—Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2017.

PERRIN, J. L.; BENASSI, V. A. The connectedness to nature scale: A measure of emotional connection to nature? **Journal of Environmental Psychology**, v. 29, n. 4, p. 434–440, 2009.

PESSOA, V. S. et al. Escala de conexão com a natureza: Evidências psicométricas no contexto Brasileiro. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 33, n. 2, p. 271–282, 2016.

PILATI, R.; PORTO, J. B. Apostila para tratamento de dados via SPSS. **Rede Social e Acadêmica da Universidade de São Paulo**, [https://social.stoa.usp.br/articles/0016/4637/apostila\\_SPSS\\_Porto\\_.pdf](https://social.stoa.usp.br/articles/0016/4637/apostila_SPSS_Porto_.pdf) [20 de julho de 2016], 2008.

RIBEIRO, W. C. et al. A concepção de natureza na civilização ocidental e a crise ambiental. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, v. 14, n. 1, p. 7–16, 2012.

RICKLEFS, R. E. **A economia da natureza**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1996.

ROAZZI, A. Categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo: Procedimento de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais e sua forma de análise através de métodos de análise multidimensionais. **Cadernos de Psicologia**, v. 1, p. 1–27, 1995.

ROAZZI, A. Lar-doce-lar: Rainha ou rei? A representação da participação masculina nas tarefas domésticas e a lógica de sua distribuição em casais de nível sócio-doméstico baixo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 51, n. 4, p. 7, 1999.

ROAZZI, A.; DIAS, M. DA G. B. B. Teoria das facetas e avaliação na pesquisa social transcultural: Explorações no estudo do juízo moral. **Conselho Regional de Psicologia–13ª Região PB/RN (Ed.), A diversidade da avaliação psicológica: Considerações teóricas e práticas**, p. 157–190, 2001.

ROMANELLI, G. O significado da alimentação na família: uma visão antropológica. **Medicina (Ribeirão Preto. Online)**, v. 39, n. 3, p. 333–339, 2006.

ROSA, D. da C. C. B. **Teorias sobre a floresta e funções de apego: um estudo sobre a relação das pessoas com a Amazônia**. Doutorado em Psicologia Cognitiva—Recife: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 2014.

SANTOS, J. DOS et al. Amazônia: características e potencialidades. In: HIGUCHI, M. I. G.; HIGUCHI, N. (Orgs). **A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: Uma proposta de educação ambiental**. 2ª ed. Manaus: Edição dos autores, 2012. p. 13–40.

SARRIERA, J. C. et al. Bem-estar pessoal de pais e filhos e seus valores aspirados. **Aletheia**, n. 37, p. 91–104, 2012.

SCHULTZ, P.; TABANICO, J. Self, Identity, and the Natural Environment: Exploring Implicit Connections With Nature. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 37, n. 6, p. 1219–1247, 2007.

SCHULTZ, P. W. The structure of environmental concern: Concern for self, other people, and the biosphere. **Journal of environmental psychology**, v. 21, n. 4, p. 327–339, 2001.

SCHULTZ, P. W. et al. Implicit connections with nature. **Journal of environmental psychology**, v. 24, n. 1, p. 31–42, 2004.

SCHULTZ, P. W. **The Moral Call of the Wild**. Disponível em: <<http://www.scientificamerican.com/article/moral-call-of-the-wild/>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

SERAPIONE, M. O papel da família e das redes primárias na reestruturação das políticas sociais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, p. 243–253, 2005.

SEVILLANO, V.; ARAGONÉS, J. I.; SCHULTZ, P. W. Perspective taking, environmental concern, and the moderating role of dispositional empathy. **Environment and behavior**, v. 39, n. 5, p. 685–705, 2007.

SILVA, M. DO P. S. C. **Aqui é melhor do que lá: Representação social da vida urbana das populações migrantes e seus impactos socioambientais em Manaus**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SIMONETTI, S. R. **Turismo no Rio Negro: pelos caminhos das representações sociais dos comunitários do Lago do Acajatuba e da Vila de Paricatuba (Iranduba-AM)**. Tese de doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia—Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2015.

SKAR, M.; GUNDERSEN, V.; O'BRIEN, L. How to engage children with nature: why not just let them play? **Children's Geographies**, v. 14, n. 5, p. 527–540, 2016.

SKAR, M.; KROGH, E. Changes in children's nature-based experiences near home: from spontaneous play to adult-controlled, planned and organised activities. **Children's Geographies**, v. 7, n. 3, p. 339–354, 2009.

SOUZA, C. A. S. et al. A Floresta amazônica: conceitos fundamentais. In: HIGUCHI, M. I. G.; HIGUCHI, N. (Orgs). **A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: Uma proposta de educação ambiental**. 2ª ed. Manaus: INPA, 2012.

STERN, P. C.; DIETZ, T. The value basis of environmental concern. **Journal of social issues**, v. 50, n. 3, p. 65–84, 1994.

STODOLSKA, M. et al. Perceptions of urban parks as havens and contested terrains by Mexican-Americans in Chicago neighborhoods. **Leisure Sciences**, v. 33, n. 2, p. 103–126, 2011.

TAM, K.-P. Concepts and measures related to connection to nature: Similarities and differences. **Journal of Environmental Psychology**, v. 34, p. 64–78, 2013.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TUAN, Y.-F. **Topofilia - Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

ULRICH, R. S. Biophilia, Biophobia and Natural Landscapes. In: **The Biophilia Hypothesis**. Washington: Island Press/ Shearwater Books, 1993. p. 74–137.

VESELINOVSKA, S. S.; PETROVSKA, S.; ZIVANOVIC, J. How to help children understand and respect nature? **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 2, n. 2, p. 2244–2247, 2010.

VINING, J.; MERRICK, M. S.; PRICE, E. A. The distinction between humans and nature: Human perceptions of connectedness to nature and elements of the natural and unnatural. **Human Ecology Review**, p. 1–11, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WELLS, N. M.; EVANS, G. W. Nearby nature a buffer of life stress among rural children. **Environment and behavior**, v. 35, n. 3, p. 311–330, 2003.

WILSON, E. O. **Biophilia**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

WINDHORST, E.; WILLIAMS, A. Growing Up, Naturally: The Mental Health Legacy of Early Nature Affiliation. **Ecopsychology**, v. 7, n. 3, p. 115–125, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Urban green spaces and health**. WHO Regional Office for Europe, , 2016.

ZELENSKI, J. M.; NISBET, E. K. Happiness and feeling connected the distinct role of nature relatedness. **Environment and Behavior**, v. 46, n. 1, p. 3–23, 2014.

## APÊNDICE A

No.
-----

### Protocolo de pesquisa

#### I. Identificação:

Gostaria de fazer algumas perguntas para melhor caracterizar os participantes dessa pesquisa,

Gênero: ( ) M ( ) F Idade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_

Religião: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Área de formação: \_\_\_\_\_ Ocupação profissional: \_\_\_\_\_

Cônjuge: \_\_\_\_\_ Ocupação do cônjuge: \_\_\_\_\_

Numa escala de renda mensal como você situa sua família:

Até R\$ 1.500,00	Até R\$ 3.000,00	Até R\$ 4.500,00	Até R\$ 6.000,00	Até R\$ 15.000,00	Mais de R\$ 15.000,00

Quantos filhos(as) possui?

<b>Gênero (M ou F)</b>	<b>Idade (em anos)</b>	<b>Horário de escola/creche (Integral ou Parcial)</b>	<b>Tipo escola (Privada ou Pública)</b>	<b>Tipo de esporte extraclasse (móvel ou sedent.)</b>	<b>Preferência de brincadeira (Indoor ou Outdoor)</b>

#### II. Atividades familiares:

Agora, vou perguntar sobre algumas atividades familiares para conhecer um pouco mais sobre você e sua família:

Qual a atividade de lazer que você mais costuma fazer com seus filhos?

Qual a atividade de lazer que você mais gostaria de fazer com seus filhos e não consegue?

Mora em: ( ) casa ou ( ) apartamento ( ) condomínio fechado.

Tem área verde no ( ) prédio ou ( ) quintal.

Seus filhos costumam utilizar esse espaço externo?

( ) Sempre ( ) Às vezes ( ) Raramente

Você ou o pai/mãe ficam presentes com os filhos nesse espaço?  
 Sempre  Às vezes  Raramente

Você ou o pai/mãe brincam com os filhos nesse espaço?  
 Sempre  Às vezes  Raramente

Levo meus filhos para lugares perto da natureza nos meus momentos de lazer.  
 Sempre  Às vezes  Raramente

Visito lugares em que predomina elementos da natureza.  
 Sempre  Às vezes  Raramente

Frequento praias, cachoeiras, banhos.  
 Sempre  Às vezes  Raramente

Na sua infância, como era o seu contato com a natureza?  
 Intenso  Regular  Raro

Como era esse lugar? O que você gostava de fazer lá?

Quem estava sempre contigo nessas atividades de contato com a natureza?

Você tem o hábito de levar seus filhos a parques verdes? Porque?

Você tem pets em casa? Quem costuma cuidar?

Você tem quintal, ou plantas em casa? Quem costuma cuidar?

Quando foi a última vez que você foi a uma área verde? Onde você foi? O que você fez lá?

Como você se sentiu?

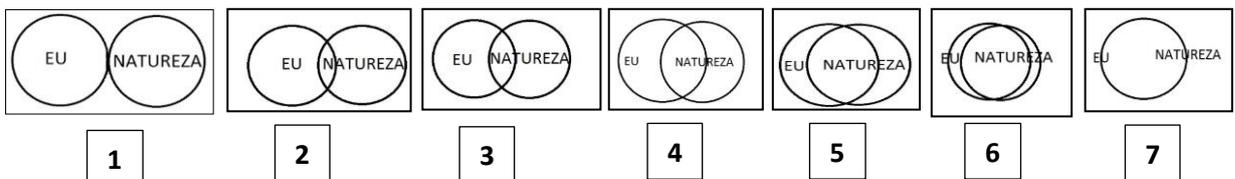
### III. O que eu penso:

Agora gostaria que você falasse sobre o que pensa. Lembre-se não há certo ou errado, a sua opinião é o que importa.

1. Cite 3 palavras que lhe veem à cabeça quando fala em **NATUREZA**

2. O que você entende por ***ESTAR LIGADO/CONECTADO*** à natureza?

Veja essas figuras. Cada uma delas representa um elo de ligação com a natureza. **Qual deles melhor descreve o quanto você é ligado à natureza?** Repare que 1 quer dizer que está bem separado e o 7 ao contrário, a natureza e você são um só.



#### IV. O que eu sinto

**Responda cada frase de acordo como você geralmente se sente.** É muito importante que você responda sinceramente com base no seu julgamento, não existem respostas certas ou erradas.

Marque um X no grau de concordância para cada uma das frases seguindo o exemplo abaixo: **(1)** Discordo Plenamente; **(2)** Discordo; **(3)** Indiferente; **(4)** Concordo; **(5)** Concordo plenamente.

AFIRMAÇÕES	GRAUS DE CONCORDÂNCIA				
	1	2	3	4	5
1. Muitas vezes me sinto unido à natureza ao meu redor.					
2. Eu penso na natureza como uma comunidade da qual eu faço parte.					
3. Eu reconheço e aprecio a inteligência dos outros seres vivos					
4. Frequentemente me sinto desconectado da natureza.					
5. Quando eu penso na minha existência, eu me imagino como parte de um grande ciclo da vida.					
6. Eu sinto uma identificação com as plantas e os animais.					
7. Eu sinto que pertença à Terra tanto quanto ela pertence a mim.					
8. Eu tenho um entendimento claro de como minhas ações afetam à natureza.					
9. Com frequência, me sinto parte da teia da vida.					
10. Eu sinto que todos os habitantes da Terra, humanos e não humanos compartilham a mesma força vital.					
11. Assim como uma árvore faz parte da floresta, eu me sinto parte da natureza.					
12. Quando penso sobre o meu lugar na Terra, me considero no topo da hierarquia que existe na natureza.					
13. Muitas vezes eu sinto que sou apenas uma pequena parte da natureza, e que não sou mais importante que a grama ou os pássaros.					

Seguindo ainda o mesmo padrão de pergunta. (NR6) Para cada item abaixo classifique o grau em que você concorda com cada afirmação, sendo:

(1) Discordo Plenamente; (2) Discordo; (3) Indiferente; (4) Concordo; (5) Concordo plenamente.

AFIRMAÇÕES	GRAUS DE CONCORDÂNCIA				
	1	2	3	4	5
1. Minhas férias ideais seriam em lugares remotos, em áreas naturais.	1	2	3	4	5
2. Eu sempre penso como as minhas ações podem afetar o ambiente.	1	2	3	4	5
3. Minha conexão com a natureza e o ambiente é parte da minha essência.	1	2	3	4	5
4. Busco notícias sobre a natureza onde quer que eu esteja.	1	2	3	4	5
5. Meu relacionamento com a natureza é parte importante de quem eu sou.	1	2	3	4	5
6. Eu me sinto muito conectado a todos os seres vivos e a terra.	1	2	3	4	5

#### **IV: O que eu faço**

*Agora, eu gostaria de conhecer um pouco mais sobre a sua rotina, as atividades que você desenvolve no cotidiano. Por favor, circule a escala que corresponde a frequência das atividades que você faz:*

**Nunca (1)** = Nenhuma vez.

**Raramente (2)** = Aconteceu pelo menos uma vez nos últimos três anos.

**Às vezes (3)** = Aconteceu pelo menos uma vez no último ano.

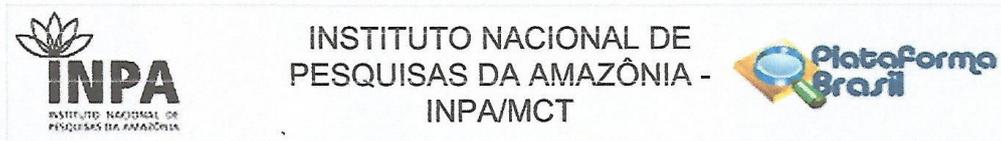
**Frequentemente (4)** = Aconteceu pelo menos uma vez no último mês.

**Sempre (5)** = Aconteceu pelo menos uma vez nos últimos quinze dias.

<b>Afirmações</b>	<b>Nunca</b>	<b>Raramen- te</b>	<b>Às vezes</b>	<b>Frequente- mente</b>	<b>Sempre</b>
1. Reutilizo água da máquina de lavar na minha casa.	1	2	3	4	5
2. Faço campanha com meus colegas para reciclar/reutilizar resíduos.	1	2	3	4	5
3. Deixo os aparelhos eletrônicos no modo stand by.	1	2	3	4	5
4. Contribuo com um valor em dinheiro para iniciativas de proteção de animais.	1	2	3	4	5
5. Utilizo material descartável (copos, pratos, talheres) quando faço alguma festinha em casa.	1	2	3	4	5
6. Reclamo à pessoa quando a vejo cortando alguma árvore em via pública.	1	2	3	4	5
7. Evito o uso de sacolas plásticas e dou preferência às <i>ecobags</i> .	1	2	3	4	5
8. Participo de campanhas em defesa do meio ambiente.	1	2	3	4	5
9. Separo o lixo orgânico dos outros tipos de lixo na minha casa.	1	2	3	4	5
10. Voto em candidatos que defendem o meio ambiente como prioridade.	1	2	3	4	5

## ANEXO A

## Comprovante aprovação CEP



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** CONEXÃO COM A NATUREZA

**Pesquisador:** MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 63687616.9.0000.0006

**Instituição Proponente:** Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA/MCT/PR

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.900.249

## Apresentação do Projeto:

Ao longo do tempo vem ocorrendo um gradual distanciamento da natureza da mesma forma que os recursos naturais têm sido relegados a níveis secundários na sociedade contemporânea. Estudos do LAPSEA/INPA mostram resultados preocupantes de distanciamento e desconhecimento da natureza de jovens e professores no Amazonas. Considerando a importância da natureza para nossa sobrevivência e locus de nossas atividades sociais é necessário muito mais do que apenas uma reaproximação. É vital se ter um olhar diferenciado para que o uso e proteção dos recursos naturais seja uma realidade presente. Os processos educativos, de modo particular a educação ambiental, se mostram um meio importante para transformar esse comportamento. Mas como iniciar uma abordagem que envolva de forma efetiva esses aspectos? Assume-se que compreender o

processo de construção da relação entre pessoas e a natureza é o ponto de partida para promover processos educativos socioambientais coerentes.

A dimensão afetiva é altamente reconhecida como partícipe importante na compreensão do compromisso ambiental. Evidências empíricas têm

identificado um alto poder preditivo da ligação emocional com a natureza no que se refere aos comportamentos pró-ambientais. Estudos enfatizam

que tal ligação afetiva está relacionada fortemente com as vivências passadas ou presentes em

**Endereço:** Av. André Araújo, nº 2936 - sala CEP - Prédio Diretoria  
**Bairro:** Aleixo **CEP:** 69.080-971  
**UF:** AM **Município:** MANAUS  
**Telefone:** (92)3643-3287 **Fax:** (92)3643-3287 **E-mail:** cep.inpa@inpa.gov.br



INSTITUTO NACIONAL DE  
PESQUISAS DA AMAZÔNIA -  
INPA/MCT



Continuação do Parecer: 1.900.249

ambientes naturais, o contexto físico e social em que o indivíduo está inserido. A meta deste estudo é continuar os estudos desenvolvidos no Lapsea direcionados à compreensão dos aspectos constitutivos do comportamento pro ambiental. Este estudo em particular, se propõe a avançar na pesquisa no campo socioafetivo, em particular da Conexão com a Natureza, agora inserindo jovens pais/mães e seus filhos/as de 7 a 11 anos de idade na cidade de Manaus-AM e Boa Vista RR. Espera-se com esses estudos dar bases para programas de educação ambiental mais eficazes e eficientes na relação pessoa-natureza.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Geral**

Compreender aspectos constitutivos de afinidade(ou não) com a natureza de jovens pais/mães e crianças residentes em Manaus-AM e Boa Vista RR.

**Objetivos Específicos**

Analisar os significados atribuídos à natureza e seus elementos constituintes atribuídos pelos pais/mães e filhos/as;  
Identificar atitudes, afetos e sentimentos que marcam a relação com a natureza de jovens pais e seus/suas filhos/as;  
Identificar nos pais/mães as experiências vividas e proporcionadas aos filhos/as em ambientes naturais.  
Identificar afinidades com natureza de jovens pais e seus/suas filhos/as e experiências de proximidade ou não com a natureza

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisa será feita com crianças e pais jovens para avaliação da conexão com a natureza. A metodologia utilizada com as crianças será em forma de desenho e com os pais por meio de entrevista. Estas metodologias não trazem riscos aos participantes e será de grande utilidade no desenvolvimento de técnicas de educação ambiental nas escolas dos municípios de Manaus e Rio Preto da Eva para aumentar esta conexão entre os alunos, pais e professores.

**Endereço:** Av. André Araújo, nº 2936 - sala CEP - Prédio Diretoria  
**Bairro:** Aleixo **CEP:** 69.080-971  
**UF:** AM **Município:** MANAUS  
**Telefone:** (92)3643-3287 **Fax:** (92)3643-3287 **E-mail:** cep.inpa@inpa.gov.br



INSTITUTO NACIONAL DE  
PESQUISAS DA AMAZÔNIA -  
INPA/MCT



Continuação do Parecer: 1.900.249

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa enfoca em um assunto pouco abordado nas pesquisas que é a perda da conexão com a natureza em cidadãos, principalmente os que vivem em grandes centros. A perda da conexão também dificulta a sua preservação. As pessoas lutam por políticas de conservação e preservação da natureza quando existe esta forte conexão.

Este estudo procura estudar como é a relação desta conexão em crianças e jovens pais no município de Manaus e Rio Preto da Eva.

Os resultados serão úteis para o desenvolvimento de técnicas e práticas educacionais que estimulem esta conexão. Este pertencimento com meio ambiente é o que impulsionará o respeito pela natureza e pressão da sociedade para criação de parques, jardins e unidades de conservação

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatórios foram entregues e todos seguiram as recomendações deste conselho.

**Recomendações:**

Corrigir no arquivo do projeto completo os locais que serão feitas as coletas. Neste arquivo foi incluído a cidade de Boa Vista. Nos demais documentos somente Manaus e Rio Preto da Eva estão incluídos na metodologia.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O projeto e a documentação estão aptas para serem aprovadas.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Acatamos na íntegra o parecer do relator. Incentivamos a interação com a plataforma Brasil para dirimir dúvidas. A aprovação terá validade durante a vigência do projeto, conforme cronograma apresentado. Ao final da execução do projeto, o pesquisador DEVERÁ encaminhar, via Plataforma Brasil, o Relatório final da pesquisa.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	Entrevistas.pdf	12/01/2017 12:27:43	Augusto Flamarion de Oliveira Vital	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Assentimento.pdf	12/01/2017 12:26:57	Augusto Flamarion de Oliveira Vital	Aceito

Endereço: Av. André Araújo, nº 2936 - sala CEP - Prédio Diretoria  
Bairro: Aleixo CEP: 69.080-971  
UF: AM Município: MANAUS  
Telefone: (92)3643-3287 Fax: (92)3643-3287 E-mail: cep.inpa@inpa.gov.br



INSTITUTO NACIONAL DE  
PESQUISAS DA AMAZÔNIA -  
INPA/MCT



Continuação do Parecer: 1.900.249

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_844748.pdf	09/01/2017 18:10:04		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodetalhadoCNCEP.docx	09/01/2017 18:09:31	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito
Outros	Declar_de_Compromisso_do_Pesquisador_Responsavel.pdf	09/01/2017 18:07:57	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito
Outros	TERMO_DE_GARANTIA_DE_RETORNO_DE_BENEFÍCIOS_AOS_PARTICIPANTES_DA_PESQUISA.pdf	09/01/2017 18:06:29	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Documentos_Sigrid.pdf	09/01/2017 18:04:16	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Documentos_Everton.pdf	09/01/2017 18:03:32	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Documentos_Elisa.pdf	09/01/2017 18:03:13	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	DECLARA_DA_EXISTENCIA_DE_INFRAESTRUTURA.pdf	09/01/2017 18:01:39	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito
Cronograma	CronogramaCN.pdf	09/01/2017 18:00:20	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito
Brochura Pesquisa	Proj_Brochura_do_Investigador.pdf	09/01/2017 18:00:04	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoCN.docx	16/12/2016 17:05:03	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECNpaisCEP.docx	15/12/2016 15:53:44	MARIA INÊS GASPARETTO HIGUCHI	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Av. André Araújo, nº 2936 - sala CEP - Prédio Diretoria

**Bairro:** Aleixo **CEP:** 69.080-971

**UF:** AM **Município:** MANAUS

**Telefone:** (92)3643-3287 **Fax:** (92)3643-3287 **E-mail:** cep.inpa@inpa.gov.br



INSTITUTO NACIONAL DE  
PESQUISAS DA AMAZÔNIA -  
INPA/MCT



Continuação do Parecer: 1.900.249

MANAUS, 27 de Janeiro de 2017

---

**Assinado por:**  
**Cristóvão Costa**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av. André Araújo, nº 2936 - sala CEP - Prédio Diretoria  
**Bairro:** Aleixo **CEP:** 69.080-971  
**UF:** AM **Município:** MANAUS  
**Telefone:** (92)3643-3287 **Fax:** (92)3643-3287 **E-mail:** cep.inpa@inpa.gov.br